



O Papel da Vinculação e das Experiências de (In)Validação Parental
nos Traços de Narcisismo em Jovens Adultos Portugueses

Dissertação de Mestrado apresentada à
Universidade Católica Portuguesa para obtenção
do grau de mestre em **Psicologia Clínica e da
Saúde.**

Núria Alexandra Antunes Gomes Quintela

Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais

Julho de 2026



CATOLICA
— **FACULDADE DE
FILOSOFIA E
CIÊNCIAS SOCIAIS**
BRAGA

**O Papel da Vinculação e das Experiências de (In)Validação Parental
nos Traços de Narcisismo em Jovens Adultos Portugueses**

Dissertação de Mestrado apresentada à
Universidade Católica Portuguesa para obtenção
do grau de mestre em **Psicologia Clínica e da
Saúde.**

Núria Alexandra Antunes Gomes Quintela

Sob a Orientação da Prof.^a Doutora **Cláudia Castro Dias**

Agradecimentos

Terminada esta longa caminhada, repleta de desafios, aprendizagens e crescimento, chega o momento de olhar para trás com gratidão. Crescer foi o verbo que marcou este percurso, mas nenhum crescimento acontece do vazio. Por isso, quero agradecer, de alma e coração, a todos aqueles que me ofereceram um pouco de si, nesta viagem para a conquista final.

À Doutora Cláudia Castro Dias, pela orientação incansável e dedicação sem igual. Qualquer agradecimento dificilmente conseguirá traduzir a dimensão da minha gratidão. Há algum tempo atrás disseram-me que esta etapa seria vivida de forma diferente do que tinha imaginado e a aceitação foi difícil. Hoje, porém, não consigo concebê-la de outra forma. Gosto de acreditar que as pessoas chegam à nossa vida no momento certo e que cada passo nos conduz ao lugar onde precisamos estar. O meu lugar foi ao seu lado e não queria que fosse de outra forma! Pela insistência, exigência, paciência e dedicação, obrigada.

À Doutora Diana Moreira, agradeço pelo belo início desta aventura. Se, um dia, eu me esquecer da força interior que uma mulher é capaz de ter, lembrar-me-ei de si.

Ao meu companheiro e pai dos meus filhos. Não houve um dia, ao longo deste percurso, em que eu me sentisse apreensiva, sem certeza ou vulnerável, tudo porque tu estiveste sempre aqui. Somos uma boa equipa, a melhor equipa.

Aos meus três filhos, Leonor, Caio e Clara. Ingressei nesta aventura com um propósito: ser melhor mãe. Termino esta aventura com uma certeza: sou melhor pessoa! Agradeço pela sorte de vos ter na minha vida e por inspirarem cada palavra aqui escrita. Obrigada por me receberem à porta com um sorriso e me darem força para continuar este percurso. Para vocês só tenho um desejo, que sejam sempre felizes!

Não poderia deixar de agradecer à minha professora primária, por ter sido o meu vínculo seguro. É com muita tristeza que não posso passar na sua janela e contar-lhe tudo o que a vida me deu. Ficaria horas a narrar-lhe a história desta caminhada. Muitas vezes fechei os olhos e imaginei que estava na sua sala de aula, o único lugar seguro que a minha infância conheceu.

*“Todas as pessoas crescidas começam por ser crianças.
(Mas são poucas as que se lembram disso.)”*

(Saint-Exupéry, 2021[1943], p.5)

Resumo

As relações estabelecidas com as figuras de vinculação primárias desempenham um papel fulcral no desenvolvimento emocional e na construção da personalidade do indivíduo, influenciando a visão de si, dos outros e do mundo. O presente estudo teve como objetivo geral explorar o papel dos estilos de vinculação e das experiências de invalidação e validação emocional parental nos traços de personalidade narcísica, numa amostra de jovens adultos de nacionalidade portuguesa. A investigação é de carácter descritivo-correlacional e foi realizada com recurso a uma amostragem não probabilística por bola de neve e por conveniência. A amostra foi constituída por 260 jovens adultos portugueses ($M=23.27$, $DP=3.57$) que responderam a questionários para recolha e análise de informação, nomeadamente um Questionário Sociodemográfico, a Escala de Vinculação do Adulto, o Questionário de Experiências de (In)Validação Emocional, o Inventário de Personalidade Narcísica - 13 e a Escala de Narcisismo Hipersensível. As análises de diferenças revelaram que o sexo feminino apresentou níveis mais elevados de narcisismo hipersensível e vinculação ansiosa, bem como maior perceção de invalidação emocional. Os resultados indicaram associações significativas entre os estilos de vinculação, a perceção de validação e invalidação parental e os traços de narcisismo. Observou-se que a vinculação segura se associou negativamente ao narcisismo, enquanto a vinculação ansiosa se relacionou positivamente. No que respeita à invalidação paterna e materna, ambas as perceções de invalidação se associaram positivamente aos traços de narcisismo, enquanto a validação paterna e materna apresentou resultados inversos. Os modelos de regressão evidenciaram que a vinculação segura e a invalidação paterna e materna constituem preditores significativos do narcisismo grandioso. Adicionalmente, a validação parental de uma das figuras de vinculação moderou o efeito da invalidação da outra, sugerindo um possível efeito protetor das experiências de validação emocional. De um modo geral, os resultados destacam o papel central das experiências de vinculação e de validação ou invalidação emocional no desenvolvimento de traços narcisistas em jovens adultos.

Palavras-chave: vinculação, invalidação parental, validação parental, narcisismo, jovem adulto

Abstract

Relationships established with the primary attachment figures play a crucial role in emotional development and personality construction, shaping individual's perceptions of themselves, others and the world around them. The primary goal of this study was to explore the role of attachment styles and parental emotional invalidation and validation experiences in narcissistic personality traits in a sample of Portuguese young adults. Considering the study's objective, a quantitative methodology was employed. The research followed a descriptive-correlational study design and was conducted using non-probabilistic snowball and convenience sampling. The sample included 260 portuguese young adults ($M=23.27$, $SD=3.57$) who completed self-report questionnaires for data collection analysis, namely a Sociodemographic Questionnaire, the Adult Attachment Scale (EVA), the Emotional (In) Validation Experiences Questionnaire, the Narcissistic Personality Inventory–13, and the Hypersensitive Narcissism Scale.

The analyses of differences revealed that female participants presented higher levels of hypersensitive narcissism and anxious attachment, as well as higher perceptions of emotional invalidation. The results indicated significant associations between attachment styles, perceptions of parental validation and invalidation, and narcissistic traits. It was observed that secure attachment was negatively associated with narcissism. Anxious attachment was positively related to it. Regarding paternal and maternal invalidation, both perceptions of invalidation showed the opposite pattern. The regression models showed that secure attachment and paternal and maternal invalidation are significant predictors of grandiose narcissism. Additionally, parental validation from one of the attachment figures moderated the other one invalidation effects, suggesting a potential protective effect of emotional validation experiences. Overall, the findings highlight the meaningful role of attachment experiences and emotional validation or invalidation in the development of narcissistic traits in young adults.

Keywords: attachment, parental invalidation, parental validation, narcissism, young adult

Índice

Índice de Tabelas.....	v
Lista de Abreviaturas	vii
Introdução	1
Revisão da Literatura	2
A Jovem Adultícia: A Construção da Identidade e os Traços de Narcisismo.....	2
A Vinculação	4
<i>A Vinculação e a Emergência de Traços de Narcisismo na Jovem Adultícia</i>	6
A Relação entre a Invalidação Emocional e os Traços de Narcisismo.....	7
Vinculação, Invalidação Emocional e Traços de Narcisismo: O Outro na Construção do	
Eu.....	8
Metodologia	9
Objetivos	9
Hipóteses	9
Questões de Investigação	10
Desenho do Estudo.....	10
Amostra	11
Caracterização Sociodemográfica da Amostra do Estudo.....	12
Instrumentos	12
Questionário Sociodemográfico	12
Escala de Vinculação do Adulto	13
Questionário de Experiências de (In)Validação Emocional	13
Inventário de Personalidade Narcísica -13	14
Escala de Narcisismo Hipersensível.....	15
Procedimentos	15
Análise de Dados.....	16
Resultados	19
Análises Preliminares.....	19
Análise de Clusters do EVA	19
Análises de Estatística Descritiva da EVA, do NPI-13, do QEVE e do HSNS	20
Associação entre os Traços de Narcisismo, a Vinculação, as Experiências de	
Invalidação e Validação Parental e as Variáveis Sociodemográficas	21

Diferenças entre os três estilos de Vinculação nos Traços de Narcisismo Grandioso em Jovens Adultos.....	31
Diferenças entre os Três Estilos de Vinculação e as Experiências de Invalidação Paterna e Materna, em Jovens Adultos	31
Contributo da Experiência de Invalidação Parental para a Predição dos níveis de Narcisismo Grandioso em Jovens Adultos Portugueses, após controlo do Efeito da Vinculação.....	32
Papel Moderador da Experiência de Validação na relação entre a Invalidação e o Narcisismo Grandioso	33
Discussão	36
Conclusão.....	45
Referências.....	47
Anexos	60
Anexo A. Cronograma (2025/2026).....	60
Anexo B. Consentimento informado.....	61
Anexo C. Questionário Sociodemográfico	63

Índice de Tabelas

Tabela 1. <i>Caracterização Sociodemográfica da Amostra do Estudo</i>	12
Tabela 2. <i>Análise de Clusters do EVA</i>	20
Tabela 3. <i>Análise Descritiva das Variáveis Principais do Estudo</i>	20
Tabela 4. <i>Correlações entre as Variáveis do Estudo e a Idade</i>	22
Tabela 5. <i>Diferenças entre os sexos na Vinculação, nas Experiências de Invalidação e Validação Parental e nos Traços de Narcisismo</i>	23
Tabela 6. <i>Diferenças relativamente aos Traços de Narcisismo, à Vinculação e às Experiências de (In)validação Parental em função da existência de diagnóstico psiquiátrico</i>	25
Tabela 7. <i>Diferenças nos Traços de Narcisismo, Vinculação e Experiências de (In)validação Parental em função do Estado Civil</i>	26
Tabela 8. <i>Diferenças na Vinculação e Experiências de (In)validação Parental nos Traços de Narcisismo, em função do nível de escolaridade</i>	27
Tabela 9. <i>Correlação de Pearson das Variáveis Principais do Estudo</i>	37
Tabela 10. <i>Diferenças entre os três Estilos de Vinculação nos Traços de narcisismo Grandioso em Jovens Adultos</i>	31
Tabela 11. <i>Diferenças entre os três Estilos de Vinculação e as Experiências de Invalidação paterna e materna</i>	32
Tabela 12. <i>Predição dos níveis de Narcisismo Grandioso</i>	33
Tabela 13. <i>Papel moderador da Experiência de Validação Emocional materna na relação entre a Experiência de Invalidação Emocional Paterna e o Narcisismo Grandioso</i>	34
Tabela 14. <i>Papel moderador da Experiência de Validação Paterna na relação entre a Experiência de Invalidação materna e o Narcisismo Grandioso</i>	35

Índice de Figuras

Figura 1. <i>Validação Emocional Materna como moderadora da relação entre a Invalidação Emocional Paterna e o Narcisismo Grandioso</i>	34
Figura 2. <i>Validação Paterna como moderadora da relação entre a Invalidação Materna e o Narcisismo Grandioso</i>	35

Lista de Abreviaturas

APA– *American Psychological Association*

DSM 5-TR – *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders, Fifth Edition, Text Revision*

EVA– Escala de Vinculação do Adulto

HSNS– *Hipersensitive Narcissism Scale*

NPI-13– Inventário de Personalidade Narcísica-13

OCDE – Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico

OPP – Ordem dos Psicólogos Portugueses

QEVE – Questionário de Experiências de (In)Validação Emocional

SPSS – *Statistical Package for the Social Science*

Introdução

A família constitui um alicerce primordial para o desenvolvimento emocional e relacional do indivíduo (Cigoli & Scabini, 2006). A vinculação estabelecida com as figuras de cuidado primárias desde a infância, influencia a estruturação do *self* e o modo como o indivíduo se relaciona com os outros ao longo da vida (Bowlby, 1982; Mikulincer & Shaver, 2016). Na jovem adultícia, uma fase marcada pela consolidação de relações íntimas, os estilos de vinculação continuam a moldar a forma como o jovem adulto experiencia e regula as suas emoções nas relações significativas (Arnett, 2000; McIntosh et al., 2024).

Paralelamente, a invalidação, entendida como rejeição, desvalorização ou negação das expressões emocionais por parte das figuras parentais (Linehan, 1993), tem sido identificada como um fator de risco para dificuldades de regulação emocional e para a vulnerabilidade psicológica (Adrian et al., 2011; Yap et al., 2014). Entre estas dificuldades, destacam-se os traços de narcisismo grandioso, conceptualizados como padrões relativamente estáveis de grandiosidade, necessidade de admiração e fragilidade do *self* (Pincus et al., 2009), bem como os traços de narcisismo hipersensível, que oscila entre características de grandiosidade e insegurança (Pereira & Paixão, 2019; Pincus et al., 2014). Evidências sugerem que estes traços podem emergir como estratégias desadaptativas de proteção emocional, sobretudo em contextos de vinculação insegura ou marcados por crítica e inconsistência emocional (Brummelman et al., 2015; Green et al., 2020).

Assim, compreender o papel da vinculação e da invalidação parental na expressão de traços de narcisismo na jovem adultícia é essencial para clarificar de que forma experiências familiares precoces influenciam o funcionamento emocional e relacional nesta fase do desenvolvimento.

Devido à escassez de investigações empíricas a nível nacional sobre a relação entre as variáveis do presente estudo, este verifica-se pertinente, pelo que pretende contribuir de forma significativa para informar a prática clínica, nomeadamente no âmbito da intervenção familiar e da psicopatologia, bem como para aprofundar o conhecimento na área da personalidade e da psicologia do desenvolvimento.

Este estudo encontra-se dividido em duas partes. A primeira parte é referente à revisão da literatura, na qual se encontram descritos os conceitos centrais da investigação. A segunda parte, refere-se à fundamentação metodológica, encontrando-se a descrição da amostra, metodologia utilizada, objetivos de estudo e respetivas hipóteses e questões, culminando nos resultados e discussão dos mesmos.

Revisão da Literatura

A Jovem Adultícia: A Construção da Identidade e os Traços de Narcisismo

A jovem adultícia constitui uma fase desenvolvimental marcada por transformações significativas na construção da identidade, profundamente influenciadas pelas dinâmicas familiares e contextos socioculturais. De acordo com a perspectiva sistémica, o desenvolvimento individual está intrinsecamente ligado ao funcionamento do sistema familiar e às suas transições (Minuchin, 1974).

Tradicionalmente, a passagem para a idade adulta era definida por marcos como a entrada no mercado de trabalho e a constituição de uma família, elementos associados à conquista da autonomia em relação à família de origem (Zacarés & Serra, 2011). Contudo, fenómenos da sociedade contemporânea, como o aumento do custo de vida e a precariedade laboral, têm contribuído significativamente para o adiamento desses marcos, resultando na permanência prolongada dos jovens em casa dos pais (Arnett, 2000; Arnett, 2023; OCDE, 2024; Saraiva & Matos, 2012).

A teoria da adultícia emergente de Arnett (2000) ajuda a entender esta realidade, descrevendo esta fase, em cinco dimensões principais: a instabilidade, a exploração de identidade, o foco no *self*, a otimização em relação ao futuro e o sentimento de estar entre dois mundos, por não se ser mais adolescente, nem plenamente adulto. Estudos recentes realizados em Portugal, como o projeto *YouNDigital* (Antunes et al., 2025), destacam igualmente a dependência financeira e habitacional prolongada como traço distintivo desta etapa, corroborando as tendências identificadas pelos dados da OCDE (2024). Neste período, a consolidação do *self*, o favorecimento da autonomia emocional e financeira e o estabelecimento de relações significativas fora do núcleo familiar, constituem tarefas centrais do desenvolvimento (Arnett, 2015; Erickson, 1968; Nelson et al., 2020). Por este motivo, esta etapa necessita ser entendida numa perspetiva ecológica e sistémica, reconhecendo a influência recíproca entre os fatores familiares e estruturais no processo de passagem para a jovem adultícia (McCrae & Costa, 2008).

Neste sentido, a personalidade, enquanto estrutura dinâmica que molda a forma como o indivíduo percebe e interage com o mundo, desempenha um papel fundamental neste processo (McCrae & Costa, 2008). Entre os traços que assumem particular relevância na jovem adultícia encontram-se os traços de narcisismo, concetualizados como um contínuo que varia entre expressões adaptativas e manifestações patológicas (Pincus & Lukowitsky, 2010). Embora características como a autovalorização moderada possam ser essenciais à

autopreservação, níveis elevados podem comprometer o funcionamento emocional e relacional.

A literatura distingue dois subtipos principais de narcisismo: grandioso e hipersensível, ambos caracterizados por dificuldades na integração estável do *self* (Cain et al., 2008; Dimaggio, 2023; Miller et al., 2011). O narcisismo grandioso envolve necessidade de admiração, superioridade, dominação e autoestima inflacionada (Pincus et al., 2014). Na jovem adultícia, tem sido associado à reatividade emocional intensa perante ameaças à autoimagem, comportamentos defensivos ou agressivos, dificuldades na intimidade e comportamentos de risco (Back et al., 2013; Brunell et al., 2011; Pincus et al., 2014). Por outro lado, o narcisismo hipersensível manifesta-se por flutuações entre a grandiosidade e insegurança, elevada sensibilidade à crítica, sentimentos de vergonha e, concomitantemente, autoestima instável (Pereira & Paixão, 2019; Pincus et al., 2014).

Neste enquadramento, o modelo dimensional da personalidade concetualiza o narcisismo como um traço multifacetado, no qual se destaca o domínio do Antagonismo, que inclui grandiosidade, procura excessiva de atenção e défices de empatia, elementos que auxiliam na compreensão dos mecanismos centrais tanto do narcisismo grandioso como do hipersensível (APA, 2022; Krizan & Herlache, 2018). A presença destes traços, mesmo na ausência de uma perturbação diagnosticada, pode constituir uma forma de lidar com inseguranças subjacentes e manter a coerência da autoimagem (Pincus & Lukowitsky, 2010).

O DSM-5-TR especifica que a Perturbação Narcísica da Personalidade é diagnosticada em adultos a partir dos 18 anos, sendo mais prevalente no sexo masculino, com diferenças entre sexos na forma de resposta ao stress e nos padrões de evitamento e foco individual (APA, 2022). Metanálises e estudos longitudinais confirmam que homens tendem a apresentar níveis mais elevados de traços narcisistas, nomeadamente do subtipo grandioso, enquanto o sexo feminino evidencia, mais frequentemente, traços narcisistas do subtipo hipersensível, associados à hipersensibilidade à crítica e à necessidade de validação emocional (Green et al., 2024; Weidman et al., 2023). Embora diversos estudos salientem diferenças cada vez menos visíveis entre os sexos, possivelmente devido a mudanças socioculturais (Grijalva et al., 2015; Oberleiter et al., 2024). A literatura aponta para uma maior prevalência destes traços em populações jovens (Green & Hart, 2024), sendo que o reconhecimento das vulnerabilidades dos mesmos acaba por ser dificultado pelo facto de jovens adultos evitarem a procura de ajuda psicológica, uma vez que esta pode ser percebida como ameaça à autoimagem de competência e superioridade (Cain et al., 2008; Ronningstam, 2010).

A Vinculação

A família, sistema vivo, regula entre outros fatores, significados profundos relacionados com pertença, confiança e continuidade (Cigoli & Scabini, 2006; Minuchin, 1974) é a principal base da construção da identidade da pessoa (Cigoli & Scabini, 2006). As experiências precoces no seio familiar, conforme sublinhadas por Bowlby (1969, 1982) na Teoria da Vinculação, são particularmente relevantes, pois influenciam de forma determinante o desenvolvimento da personalidade ao longo da vida (Bleidorn et al., 2024; Bowlby, 1969, 1982).

Estudos referem que é sobretudo através da qualidade da relação com a figura de vinculação, frequentemente a mãe, que a criança desenvolve as primeiras estruturas internas que moldarão, ao longo do desenvolvimento, o seu funcionamento emocional e relacional (Bowlby, 1969; Farina et al., 2019; Sroufe, 2005). Ainsworth et al. (1978) identificaram três estilos de vinculação na infância, com base nas respostas da criança à figura de vinculação: seguro (caracterizado pela capacidade de a criança explorar o ambiente usando a figura de vinculação como uma base segura), inseguro evitante (evidenciado pelo evitamento de contacto emocional e pouca ou nenhuma angústia na separação com a figura de vinculação) e inseguro ansioso ambivalente (associado à presença de respostas emocionais inconsistentes e elevada ansiedade). Posteriormente, Main e Solomon (1990) identificaram um quarto padrão, a vinculação desorganizada, caracterizada por comportamentos contraditórios e desorientados, frequentemente associados a experiências precoces de negligência, trauma ou medo. No estudo da vinculação, Ainsworth et al. (1978) introduzem também o termo *responsividade* (capacidade de dar uma resposta sensível e consistente às necessidades da criança) como um preditor central de vinculação segura.

Em contrapartida, a ausência de respostas consistentes e sensíveis da parte dos cuidadores pode comprometer a segurança na vinculação, levando a criança a adotar estratégias secundárias de regulação emocional, conhecidas como a *hiperativação* e a *desativação* (Main & Solomon, 1990; Mikulincer & Shaver, 2019). A primeira caracteriza-se por uma intensa procura de proximidade com o Outro, refletindo uma tentativa de manter o contacto com a figura de vinculação; enquanto a segunda implica a supressão dessa procura, como forma de lidar com a indisponibilidade emocional ou a rejeição por parte do cuidador (Canavarro et al., 2006; Main & Solomon, 1990; Mikulincer & Shaver, 2019).

A literatura refere ainda que estas experiências iniciais contribuem para a formação dos denominados Modelos Internos Dinâmicos (Main et al., 1985), uma evolução dos *Working Models* de Bowlby (1969), que correspondem às representações mentais do *self* e do

mundo à sua volta. Estes modelos podem ter valência positiva ou negativa e influenciam a forma como o indivíduo interpreta e responde à interação com o outro, orientando expectativas, emoções, defesas e estratégias futuras (Main et al., 1985; McIntosh et al., 2024), importantes na consolidação dos padrões de vinculação, que se mantêm ao longo da vida, a menos que experiências desorganizadoras tornem necessária à sua reorganização (Bowlby, 1982; McIntosh et al., 2024; Sroufe, 2005; Wang et al., 2024).

Bowlby (1982) reforçou desde cedo a ideia de que a vinculação na vida adulta possui uma natureza semelhante à observada na infância, destacando a similaridade entre os laços estabelecidos nas primeiras díades (mãe/filho e pai/filho) e aqueles desenvolvidos na adultícia, sendo que vários estudos convergem na mesma conclusão. Tanto o estudo longitudinal de Sroufe (2005), que acompanhou 267 crianças, desde o nascimento até à idade adulta, como a revisão de Jones et al. (2015) e, mais recentemente, o trabalho de McIntosh et al. (2024), concluíram que os padrões de vinculação formados na infância são preditores significativos do comportamento relacional e emocional na idade adulta corroborando, desta forma, a persistência dos padrões de vinculação ao longo do tempo.

Mais recentemente, Mikulincer e Shaver (2016) expressam que a vinculação adulta é melhor explicada quando abordada em termos de dimensões – confiança nos outros, conforto com a proximidade e ansiedade – em vez de categorias tipológicas, pois as primeiras são complexas e capazes de captar com maior precisão as nuances das tipologias de vinculação, considerando-as como eixos num continuum. Posto isto, estudos consideram que indivíduos com vinculação segura tendem a apresentar baixos níveis em ambas as dimensões (conforto com a proximidade e ansiedade) e uma regulação emocional adaptativa (Fraley & Shaver, 2000). Por outro lado, os estilos inseguros distribuem-se de forma diferenciada ao longo destas dimensões: a vinculação ansiosa ou preocupada associa-se a níveis elevados de ansiedade na relação, caracterizada por preocupação com o abandono e necessidade de constante reafirmação, já a vinculação evitante associa-se a níveis elevados de evitamento, evidenciando desconexão emocional, desconforto com a proximidade e valorização da autonomia em detrimento da intimidade (e.g., Mikulincer & Shaver, 2016; Notsu & Shibuya, 2024; Tereno & Matos, 2017).

Em Portugal, Canavarro et al. (2006) conduziram uma investigação com o objetivo de avaliar as dimensões da vinculação na idade adulta, a partir de uma perspetiva multidimensional com uma amostra de 730 adultos portugueses, com idades compreendidas entre os 18 e os 65 anos. Com base em análises fatoriais, os autores identificaram três dimensões centrais: 1) Ansiedade, 2) Conforto com a Proximidade e 3) Confiança nos Outros

e verificaram que a Ansiedade apresentou uma correlação negativa com as dimensões do Conforto com a Proximidade e de Confiança nos Outros, indicando que níveis mais elevados de ansiedade na vinculação estão associados a menores níveis de conforto e confiança. Adicionalmente, as dimensões de Conforto com a Proximidade e Confiança nos Outros revelaram uma correlação positiva, sugerindo que estas variáveis tendem a aumentar conjuntamente (Canavarro et al., 2006).

Investigações mais recentes têm vindo a demonstrar que embora a lógica dimensional permita descrever os estilos de vinculação de forma contínua e culturalmente sensível, captando a variabilidade individual e enriquecendo a compreensão da organização das relações ao longo de todo o desenvolvimento, os estilos tradicionais ainda têm uma validade empírica importante (Canavarro et al., 2006; Fraley & Shaver, 2000).

A Vinculação e a Emergência de Traços de Narcisismo na Jovem Adultícia

Canavarro (1997) considera que as relações familiares podem ser vistas como fatores de proteção ou de vulnerabilidade, não esquecendo que, segundo autores, a qualidade dos padrões de vinculação na infância e na idade adulta não influencia apenas a regulação emocional, mas também a forma como o indivíduo se vê a si, aos outros e ao mundo (Kealy & Ogrodniczuk, 2023).

A vinculação segura associa-se a uma autoimagem estável, capacidade de empatia e estratégias adaptativas de autorregulação, favorecendo relações interpessoais saudáveis (Lapsley & Aalsma, 2006; Kealy & Ogrodniczuk, 2023). Por outro lado, padrões de vinculação inseguros associam-se a dificuldades na integração de um *self* coeso e na relação com os outros, favorecendo a construção de identidades disfuncionais, contribuindo para o desenvolvimento de traços associados ao narcisismo (Kealy & Ogrodniczuk, 2023). Zhang et al. (2024), na sua metanálise, revelaram uma correlação significativa entre estilos de vinculação inseguros e traços de narcisismo, destacando a influência direta dos padrões relacionais na personalidade do indivíduo. Adicionalmente, alguns autores indicam que a vinculação insegura evitante se associa ao desenvolvimento do narcisismo grandioso, como forma de proteger o *self* e a vinculação insegura ansiosa associa-se ao narcisismo hipersensível (e.g. Farina et al., 2019; Kealy & Ogrodniczuk, 2023; Zhang et al., 2024).

O jovem adulto enfrenta, assim, o desafio de integrar as suas próprias necessidades de valorização internas com as exigências do meio, tornando-se vulnerável a padrões de relação desadaptativos, herdados das suas experiências precoces (Lapsley & Aalsma, 2006). Todos estes resultados evidenciam a importância das experiências de vinculação na modelagem da identidade e da personalidade.

A Relação entre a Invalidação Emocional e os Traços de Narcisismo

Experiências de invalidação emocional na infância no seio familiar constituem um fator de risco significativo para o desenvolvimento psicológico do indivíduo (Cheavens et al., 2005; Heleniak et al., 2016). Segundo Linehan (1993), as experiências de invalidação emocional na infância e no seio familiar são características de um ambiente familiar punitivo, que minimiza ou ignora as experiências emocionais internas da criança, resultando no desenvolvimento de estratégias de regulação emocional desadaptativas, dificuldades em entender e identificar as próprias emoções e as dos outros e na incapacidade em lidar com emoções desagradáveis. Deste modo, transmite-se a mensagem de que os sentimentos são exagerados, errados, inaceitáveis ou contranatura (Dinis & Pinto-Gouveia, 2011; Linehan et al., 2009; Mountford et al., 2007). Por outro lado, as atitudes de validação por parte dos pais, como o apoio, atenção às emoções e preocupação em compreender a causa das emoções negativas dos filhos, funcionam como facilitadores na regulação emocional e na construção de estratégias adaptativas para lidar com as emoções desagradáveis (Eisenberg et al., 2010 & Leijten et al., 2018).

De forma mais aprofundada, a literatura sugere que experiências precoces de invalidação emocional, nomeadamente desvalorização sistemática das emoções, respostas parentais inconsistentes e críticas constantes, se encontram associadas a um maior risco de desenvolvimento de sintomatologia psicopatológica em jovens adultos, principalmente ao desenvolvimento de traços narcisistas (Kealy & Ogrodniczuk, 2023; Otway & Vignoles, 2016; Yap et al., 2014). Kealy e Ogrodniczuk (2023) referem que a invalidação emocional crónica está fortemente associada à vergonha internalizada, hipersensibilidade à crítica e estratégias interpessoais defensivas, contribuindo para um *self* fragilizado.

Deste modo, a invalidação emocional parental emerge como um mecanismo central através do qual a socialização emocional não responsiva ou invalidante, surge como um fator de risco para o desenvolvimento de psicopatologia na idade adulta (Boucher et al., 2013; McKee et al., 2019; Sebastião et al., 2023). A evidência empírica sugere que estas práticas não são neutras, variando em função do sexo dos pais e dos filhos. Especificamente, as mães tendem a validar mais as emoções das filhas do que dos filhos, promovendo maior apoio emocional, enquanto os pais exercem maior controlo sobre as filhas e tendem a invalidar mais as emoções dos filhos do sexo masculino (Chaplin et al., 2005; DeLoretta et al., 2024). Por outro lado, segundo estudos, o sexo do jovem adulto pode influenciar o modo como estas mesmas experiências são vividas e processadas (Chaplin et al., 2005; DeLoretta et al., 2024). Sumariamente, enquanto experiências adversas no seio familiar, as atitudes de invalidação

assumem um papel relevante na transmissão intergeracional dessas práticas (Dinis & Pinto-Gouveia, 2011).

Vinculação, Invalidação Emocional e Traços de Narcisismo: O Outro na Construção do Eu

A vinculação e as experiências de invalidação emocional estão intimamente interligadas no que respeita ao desenvolvimento dos traços de personalidade e à regulação emocional (Madigan et al., 2024; Miller et al., 2017). A literatura evidencia, numa primeira instância, uma associação entre a vinculação e a invalidação emocional. Experiências precoces de vinculação segura frequentemente coexistem com ambientes em que o indivíduo é emocionalmente validado (Fonagy & Luyten, 2009), enquanto experiências precoces de vinculação insegura coexistem com ambientes em que o indivíduo é emocionalmente invalidado (Fonagy & Luyten, 2009). Embora alguns estudos sugiram que é a qualidade do vínculo com os progenitores que estabelece o contexto relacional no qual a validação ou invalidação ocorrem (Ainsworth et al., 1978; Linehan, 1993; Fonagy & Luyten, 2009), estudos recentes sugerem o inverso, considerando que é a invalidação emocional, forma de trauma relacional, que pode comprometer o desenvolvimento de uma vinculação segura (Farina et al., 2019; Madigan et al., 2024). Apesar de não existir consenso quanto ao que precede ou fundamenta o outro processo, permanece claro que ambos os construtos estão relacionados ao longo do desenvolvimento do indivíduo.

Assim, quando se considera a relação entre estes dois construtos e os traços narcísicos, observa-se que a exposição simultânea à vinculação insegura e a atitudes invalidantes cria condições propícias para a formação de padrões narcisistas, tanto grandiosos quanto hipersensíveis (Dickinson & Pincus, 2003; Farina et al., 2019). Indivíduos com uma vinculação insegura e experiências de invalidação emocional, podem construir defesas centradas na grandiosidade, valorizando a autonomia e desconectando-se emocionalmente de modo a proteger o *self*, compensando sentimentos de vergonha, vazio ou insegurança (Farina et al., 2019; Fonagy et al., 2002; Miller et al., 2017). Experiências marcadas pela rejeição, podem dar origem a estruturas de personalidade narcisista, tornando-se a presença constante de invalidação parental um dos principais fatores etiológicos na formação dessas estruturas (Linehan, 1993; Miller & Campbell, 2008).

Sumariamente, verifica-se uma ligação estreita, mas ainda pouco explorada, entre a vinculação, a invalidação no seio familiar e traços psicopatológicos do domínio do narcisismo (Madigan et al., 2024; Miller et al., 2017). A investigação existente valida a relevância do tema, salientando que o estudo se revela necessário e pertinente por procurar

aprofundar o conhecimento à cerca do narcisismo em jovens adultos através de uma análise da vinculação e das experiências de invalidação no seio familiar, tema onde existem lacunas na literatura, sobretudo no contexto português e na transição para a adultez emergente (Otway & Vignoles, 2006; Kealy & Ogrodniczuk, 2023). Os resultados prevêem-se relevantes do ponto de visto prático, para a prática clínica e intervenção familiar, bem como do ponto de vista teórico, seja na psicologia do desenvolvimento ou no estudo da personalidade.

Metodologia

Objetivos

O presente estudo teve como objetivo principal analisar o papel da vinculação e das experiências de invalidação parental, materna e paterna, na manifestação de traços de narcisismo em jovens adultos portugueses. Foram delineados objetivos específicos: (1) analisar a associação entre a vinculação, as experiências de invalidação parental e traços de narcisismo e as variáveis sociodemográficas (sexo, idade, nível de escolaridade, estado civil, diagnóstico de doença psiquiátrica); (2) analisar a associação entre a vinculação, as experiências de validação e invalidação do pai e da mãe e os traços de narcisismo em jovens adultos; (3) analisar as diferenças entre os três estilos de vinculação nos traços de narcisismo em jovens adultos; (4) analisar as diferenças entre os três estilos de vinculação e as experiências de invalidação da mãe e do pai em jovens adultos; (5) analisar o contributo da invalidação parental para a predição dos níveis de narcisismo grandioso em jovens adultos após controlar o efeito da vinculação e (6) examinar se as experiências de validação por parte de uma das figuras parentais moderam a relação entre a experiência de invalidação emocional por parte da outra figura e a presença de traços de narcisismo em jovens adultos.

Hipóteses

Foram delineadas as seguintes hipóteses de investigação:

H1: Espera-se que os jovens adultos portugueses do sexo masculino reportem mais experiências de invalidação por parte do pai e que os jovens adultos portugueses do sexo feminino reportem mais experiências de validação por parte da mãe (Chaplin et al., 2005; DeLoretta et al., 2024).

H2: Esperam-se diferenças significativas entre os sexos relativamente aos traços de narcisismo, com o sexo masculino a apresentar níveis mais elevados de narcisismo grandioso (APA, 2022; Grijalva et al., 2015; Oberleiter et al., 2024) e o sexo feminino a apresentar níveis mais elevados de narcisismo hipersensível (APA, 2022; Grijalva et al., 2015; Oberleiter et al., 2024).

H3: Espera-se que a vinculação segura (**H3.1.** Kealy & Ogrodniczuk, 2023; Zhang et al., 2024) e a experiência de validação emocional da mãe (**H3.2.** Adrian et al., 2011; Cheavens et al., 2005; Thompson et al., 2022; Yap et al., 2014) e do pai (**H3.3.** Adrian et al., 2011; Cheavens et al., 2005; Thompson et al., 2022; Yap et al., 2014) se correlacionem negativamente com os traços de narcisismo.

H4: Esperam-se diferenças significativas nos níveis de traços de narcisismo entre jovens adultos portugueses com diferentes estilos de vinculação. Especificamente, espera-se que os jovens com vinculação segura apresentem níveis mais baixos de narcisismo (**H4.1.** Kealy & Ogrodniczuk, 2023; Zhang et al., 2024) e os jovens com vinculação insegura preocupada e vinculação insegura evitante apresentem níveis mais elevados de narcisismo (**H4.2.** Kealy & Ogrodniczuk, 2023; Zhang et al., 2024).

H5: Esperam-se diferenças significativas nas experiências de invalidação emocional materna e paterna entre jovens adultos com diferentes estilos de vinculação (Fonagy & Luyten, 2009; Madigan et al., 2024). Espera-se que os jovens adultos com vinculação segura reportem experiências com níveis mais elevados de validação emocional por parte da mãe (**H5.1.** Fonagy & Luyten, 2009) e do pai (**H5.2.** Fonagy & Luyten, 2009). Espera-se que jovens com vinculação insegura (evitante e ansiosa) reportem experiências com níveis mais elevados de invalidação emocional da mãe (**H5.3.** Fonagy & Luyten, 2009; Madigan et al., 2024) e do pai (**H5.4.** Fonagy & Luyten, 2009; Madigan et al., 2024).

Questões de Investigação

De modo a permitir uma melhor compreensão do estudo foram estruturadas questões de investigação, decorrentes dos objetivos delineados.

Q1: Existem diferenças nos níveis de narcisismo em jovens adultos, em função das variáveis sociodemográficas (idade, nível de escolaridade, diagnóstico de doença psiquiátrica)?

Q2: A experiência de invalidação parental prediz os níveis de narcisismo em jovens adultos?

Q3: A experiência de validação por parte de uma das figuras parentais modera a relação entre a experiência de invalidação emocional por parte da outra figura e a presença de traços de narcisismo em jovens adultos?

Desenho do Estudo

A presente investigação é de cariz transversal, tendo sido a recolha de dados realizada num único momento temporal (Fortin, 2009). A sua natureza é quantitativa e centra-se no objetivo primordial de identificar padrões a partir dos dados recolhidos. Sendo de carácter

descritivo-correlacional, procura analisar e descrever as relações entre as variáveis em estudo (Fortin, 2009).

Amostra

A recolha de dados foi realizada com recurso a uma amostragem não probabilística por bola de neve e por conveniência, permitindo aceder de forma mais eficiente a participantes que preenchem os critérios específicos (Fortin, 2009). A amostragem por conveniência baseou-se na seleção de participantes acessíveis e disponíveis, adequada quando os recursos e o tempo são limitados. A amostragem por bola de neve possibilitou o alcance da recolha através das redes de contacto dos participantes iniciais, aumentando a possibilidade de atingir um número suficiente de respostas (Fortin, 2009).

Aceitaram participar 289 participantes. Foram excluídos 29 participantes (10.03%) por não cumprirem os critérios de inclusão (idade compreendida entre 18 e 30 anos e nacionalidade portuguesa) e exclusão (não terem tido, ao longo da infância, uma figura paterna). No presente estudo, a delimitação da faixa etária dos 18 aos 30 anos, baseia-se não apenas em considerações teóricas e desenvolvimentais, mas também em critérios práticos amplamente aceites na literatura (Arnett, 2000; Arnett, 2023; Antunes et al., 2025; OCDE, 2024), correspondendo deste modo ao período da adultez emergente como salientado pela psicologia do desenvolvimento (Arnett, 2000; Arnett, 2015; Erikson, 1968). Optar pelos 30 anos assegura uma abrangência completa da terceira década de vida, alinhando-se com a perspetiva do desenvolvimento psicossocial de Erikson (1968) e defendida por Arnett (2000, 2015). Esta delimitação etária respeita parâmetros teóricos e práticas metodológicas para o estudo do desenvolvimento psicossocial do jovem adulto. A amostra do presente estudo é composta por 260 (89.97%) participantes com idades compreendidas entre os 18 e os 30 anos.

Numa fase inicial foi realizada uma análise de poder estatístico *a priori* através do *software G*Power*, versão 3.1.9.7 (Faul et al., 2007; Faul et al., 2009), tendo como base o modelo de regressão linear múltipla, de modo a estimar o tamanho amostral necessário para detetar um efeito de magnitude média ($f^2=.15$), considerando um nível de significância de $\alpha=.05$ e um poder estatístico de .80. Os resultados indicaram a necessidade de uma amostra mínima de $N=130$ participantes. Estes resultados sugerem que o presente estudo apresenta poder estatístico adequado e apresenta uma elevada capacidade para detetar efeitos de magnitude média.

Caracterização Sociodemográfica da Amostra do Estudo

A média das idades dos participantes situa-se em 23.27 anos ($DP= 3.57$). Mais de metade dos participantes é do sexo feminino (58.1%). Cerca de 88.8% dos participantes indicaram estar solteiros, sendo que 60.4% se encontra atualmente num relacionamento amoroso. Quanto às habilitações académicas, 55.4% completou o ensino secundário. No que diz respeito à situação profissional, 87.3% é ativo (estudante, trabalhador ou trabalhador-estudante). A maioria da amostra não mencionou ter diagnóstico psiquiátrico (91.9%) [Tabela 1].

Tabela 1

Caracterização Sociodemográfica da Amostra do Estudo

Variáveis	N	%
Sexo		
Feminino	151	58.1
Masculino	109	41.9
Estado de relacionamento		
Encontra-se num relacionamento	157	60.4
Não se encontra num relacionamento	103	39.6
Estado Civil		
Solteiro(a)/Divorciado	231	88.8
Casado(a)/ União de facto	29	11.2
Diagnóstico Psiquiátrico		
Possui	21	8.1
Não Possui	239	91.9
Habilitações académicas		
Até 12 anos de Escolaridade	144	55.4
Mais de 12 anos de escolaridade	116	44.6
Situação Profissional		
Ativo(a)	227	87.3
Inativo(a)	33	12.7

Nota. N=260. *Média de idades: 23.27 anos ($DP = 3.57$, *min.*= 18, *máx.*=30).

Instrumentos

Questionário Sociodemográfico

De modo a caracterizar a amostra da presente investigação, recolheu-se informação sobre os participantes a partir de um questionário sociodemográfico composto por questões relativas a: idade, sexo, estado civil, nacionalidade, estado de relacionamento afetivo ou amoroso, nível de escolaridade, situação profissional atual e história de diagnóstico psiquiátrico.

Escala de Vinculação do Adulto (EVA; Canavarro, 1997; Canavarro et al., 2006; Collins & Read, 1990)

A EVA foi inicialmente desenvolvida por Collins e Read (1990) com a designação original de *Adult Attachment Scale-R* (AAS-R), sendo adaptada e validada para a população portuguesa por Canavarro (1997) e revista posteriormente por Canavarro et al. (2006). Esta escala de autorrelato é constituída por 18 itens que avaliam os estilos de vinculação em adultos, tendo por base três dimensões centrais: (1) Ansiedade, contemplando questões sobre o medo de rejeição e insegurança emocional, (2) Conforto com a Proximidade, referindo-se ao grau de desconforto com a intimidade e (3) Confiança nos Outros, referindo-se à confiança na disponibilidade do Outro. Cada item é respondido numa escala *likert* de 5 pontos, variando entre “*Nada característico em mim*” e “*Extremamente característico em mim*”, com o intuito de captar a intensidade dos sentimentos e perceções relacionadas com a vinculação. A pontuação de cada dimensão é calculada através da média dos itens a ela associados e a pontuação total da escala varia entre 18 e 90 pontos. Segundo Canavarro et al. (2006), pontuações mais elevadas em cada dimensão indicam níveis mais elevados de vinculação a ela associada.

A versão portuguesa possui uma consistência interna com valores de *alpha* de *Cronbach* de .84 para a subescala Ansiedade, .67 para a subescala Conforto com a Proximidade e .54 para a escala Confiança nos Outros, sendo o *alfa* total de .81 (Canavarro et al., 2006). No presente estudo, verificaram-se valores de .90 para a subescala Ansiedade, .74 para a subescala Confiança nos Outros e .78 para a subescala Conforto com a Proximidade. O *alpha* de *Cronbach* para a escala total situou-se em .74.

Os estudos de validação confirmam a estrutura fatorial do instrumento, demonstrando deste modo que o instrumento mede de forma clara e consistente as três dimensões distintas (Ansiedade, Conforto com a Proximidade e Confiança nos Outros). Collins e Read (1990), bem como Canavarro et al. (2006), encontraram, através de uma análise de *clusters*, associações claras entre as dimensões e os estilos clássicos de vinculação: seguro, ansioso e evitante, salientando deste modo a utilidade do modelo dimensional para compreender a diversidade e complexidade das experiências de vinculação na vida adulta (Canavarro et al., 2006).

Questionário de Experiências de (In)Validação Emocional (QEVE; Dinis & Pinto Gouveia, 2011)

O QEVE é um questionário de autorrelato, que avalia a recordação de experiências de invalidação e validação emocional vivenciadas pelo sujeito nas suas relações com as figuras

primárias de vinculação e analisa a socialização emocional parental, em populações clínicas e não clínicas. A versão original do QEVE conta com cerca de 120 itens: 60 para a subescala materna e 60 para a subescala paterna (Dinis & Pinto-Gouveia, 2011). Foi criada uma versão mais reduzida do mesmo composta por 21 itens para cada subescala, totalizando 42 itens que são avaliados numa escala tipo *likert*, variando entre “*nunca verdadeiro*” para “*sempre verdadeiro*” (Dinis & Pinto-Gouveia, 2011). Em termos de fatores consideram-se a experiência de validação emocional e a experiência de invalidação emocional. Resultados mais elevados predizem qual o fator mais frequente: se experiências de invalidação ou de validação emocional.

Relativamente às características psicométricas do instrumento, considera-se que este apresenta bons valores de consistência interna para ambas as subescalas, seja para as Experiências de Invalidação Emocional (com o alfa de *Cronbach* da subescala paterna de .89 e da subescala materna de .90) ou Experiências de Validação Emocional (com o alfa de *Cronbach* da subescala paterna de .91 e da subescala materna de .90), segundo os autores Dinis e Pinto-Gouveia (2011). No presente estudo, encontraram-se valores elevados, tanto para as subescalas de Invalidação Emocional (com o alfa de *Cronbach* da subescala paterna de .93 e da subescala materna de .95) ou Experiências de Validação Emocional (com o alfa de *Cronbach* da subescala paterna de .95 e da subescala materna de .94).

Inventário de Personalidade Narcísica -13 (NPI-13, Pechorro et al, 2019)

Para medir o narcisismo grandioso em adultos, foi utilizado o NPI-13, uma versão reduzida do *Narcissistic Personality Inventory* (NPI), desenvolvido por Raskin e Hall (1979). Esta versão reduzida de autorrelato foi proposta por Gentile et al. (2013), sendo traduzida e validada para a população portuguesa por Pechorro et al. (2019). O NPI-13 é composto por 13 itens dicotómicos e 3 fatores, que compõe a estrutura inicial: (1) Liderança/Autoridade: referente à perceção que a pessoa tem de si como líder natural, com confiança excessiva; (2) Grandiosidade/Exibicionismo: avalia características como a autoimagem inflacionada e o desejo de admiração e (3) Empossamento/Exploratividade: referente à crença de superioridade moral e intelectual.

Na validação portuguesa, o instrumento revelou uma boa consistência interna, sendo que o alfa de *Cronbach* total para a subescala masculina se situa em .83 e na subescala feminina em .82 (Pechorro et al., 2019). Vale salientar que na subescala feminina Grandiosidade/Exibicionismo (G/E) e Empossamento/Exploratividade (E/E), bem como na subescala masculina Liderança/Autoridade (L/A) e Empossamento/Exploratividade (E/E), encontraram valores mais baixos, entre .61 e .68, respetivamente, pelo que os autores

recomendam alguma cautela na utilização das mesmas. Adicionalmente, as validades convergentes, a discriminante e de critério, no estudo de validação, demonstraram bons valores, confirmando que o instrumento mede aquilo a que se propõe (Pechorro et al., 2019). No presente estudo, também as subescalas G/E e E/E (feminina) revelaram valores mais baixos de consistência interna (.53 e .59, respetivamente). A subescala total feminina revelou um alfa de .71 e a subescala total masculina de .90.

Escala de Narcisismo Hipersensível (HSNS, Pereira & Paixão, 2019)

A HSNS, desenvolvida por Hendin e Cheek (1997) e adaptada para a população portuguesa por Pereira e Paixão (2019), tem como objetivo medir o narcisismo hipersensível. Trata-se de uma escala composta por 10 itens, respondidos numa escala *Likert* que varia de 1 (“nada verdadeiro para mim”) a 5 (“muito verdadeiro para mim”), resultando numa pontuação total entre 10 e 50. Quanto maior a pontuação, maior a presença do traço de narcisismo hipersensível no indivíduo (Pereira & Paixão, 2019). A HSNS tem-se demonstrado adequada para avaliar o narcisismo hipersensível em populações não clínicas, apresentando-se como uma ferramenta relevante para estudos que procuram distinguir nuances do narcisismo mais sensível, nomeadamente em contextos clínicos e de investigação em psicologia (Hendin & Cheek, 1997; Pereira & Paixão, 2019).

A integração da escala neste estudo justifica-se não só pela necessidade de avaliar traços de narcisismo, mas também pela função de complementar o NPI-13 que, por sua vez, pode estar sujeito a vieses de desejabilidade social (Paulhus & Vazire, 2007; Rohmann et al., 2019). O instrumento avalia traços mais internalizados (insegurança e sensibilidade à crítica) e fornece uma perspetiva mais autêntica e menos sujeita a resultados tendenciosos. Assim, a combinação destes instrumentos permite uma avaliação mais completa e rigorosa (Hendin & Cheek, 1997; Pereira & Paixão, 2019).

A versão original da escala apresenta valores de alfa de *Cronbach* entre .62 e .76, com resultados semelhantes observados na adaptação portuguesa, indicando fiabilidade razoável. A versão portuguesa final inclui oito itens distribuídos por duas subescalas: 1) Egocentrismo com um alfa de *Cronbach* de .61 e 2) Hipersensibilidade ao Julgamento com alfa de *Cronbach* de .54. Na presente investigação, a subescala Egocentrismo apresentou um alfa de .79 e a subescala Hipersensibilidade ao Julgamento um alfa de .78, sendo que o valor de consistência interna da escala total se revelou adequado ($\alpha=.80$).

Procedimentos

Para a realização do estudo foi solicitada a aprovação pelo Conselho Científico do Centro de Estudos Filosóficos e Humanísticos, cumprindo os princípios da Declaração de

Helsínquia e do Código Deontológico da Ordem dos Psicólogos Portugueses (OPP, 2024; WMA, 2024), bem como a autorização aos autores dos instrumentos para a utilização dos mesmos na presente investigação. Após a aprovação do estudo, os questionários foram disponibilizados em formato digital, na plataforma *Google Forms* e divulgados através de plataformas digitais, tendo sido preenchidos online. Este método permitiu a facilidade de acessibilidade e economia de recursos, com vista a atingir um maior número de participantes num curto espaço de tempo (Fortin, 2009). Recorreu-se, deste modo, à amostragem por conveniência e bola de neve, sendo que os participantes iniciais foram convidados a partilhar o link com outras indivíduos que cumprissem os critérios de exclusão definidos. Os mesmos foram acompanhados pela informação dos objetivos de estudo, pelo consentimento informado (Anexo B) para participação livre, sendo assegurada a confidencialidade dos dados recolhidos, bem como o anonimato dos participantes e informados os objetivos e finalidade do estudo. Os questionários estiveram disponíveis de fevereiro a março de 2026, cumprindo o cronograma (Anexo A).

Análise de Dados

Depois de realizada a recolha, seguiu-se a codificação dos dados utilizando o *Microsoft Excel*, permitindo a organização e análise da informação recolhida com recurso ao SPSS (*Statistical Package for the Social Science*), versão 28. Seguidamente verificou-se a qualidade dos dados obtidos, pelo que não se verificaram *outliers* nem valores mal codificados ou omissos.

De modo a poder realizar-se posterior estatística inferencial, verificou-se a normalidade da amostra com recurso ao teste de *Kolmogorov-Smirnov*, partindo do pressuposto de que $p > .05$ sugere uma distribuição normal dos dados (Hair et al., 2009). Foram alvo de análise a curtose e assimetria, por demonstrarem sensibilidade a amostras de maiores dimensões, considerando-se para uma distribuição normal valores entre -2 e +2, indicando uma aproximação suficiente à normalidade para efeitos de análise estatística segundo Marôco (2021).

Recorreu-se ao Teorema do Limite Central para a realização de testes paramétricos mesmo na presença de desvios da normalidade (Marôco, 2018). Por fim, o pressuposto da homogeneidade das variâncias foi avaliado através do teste de *Levene*, sendo considerados valores de $p > .05$ para a assunção de variâncias iguais entre grupos (Laureano, 2022; Martins, 2011), o que sustenta a realização das análises subsequentes. Verificados os pressupostos para análises paramétricas, seguiu-se a análise da consistência interna de cada instrumento, verificando-se a confiabilidade dos mesmos através dos valores de alfa de *Cronbach*.

Ainda, tornando-se necessário transformar as dimensões do EVA, de forma a garantir a identificação das três categorias tipológicas associadas aos estilos de vinculação de Hazan e Shaver (1987), designadamente os estilos seguro, ansioso/preocupado e evitante, foi realizada, na presente investigação, uma análise de *clusters*. Foi inicialmente conduzida uma análise de *clusters* hierárquica, utilizando o método de *Ward*, de modo a minimizar a variabilidade interna entre os elementos de cada *cluster*, confirmando a estrutura. De seguida, a distância euclidiana, calculando a proximidade entre os casos, com base nas pontuações da tipologia de vinculação (ansiedade, conforto e confiança nos outros), com o dendograma resultante a apoiar a definição preliminar do número de *clusters* a reter. Posteriormente, foi aplicada uma análise de *clusters* não hierárquica, através do método *K-means*, de modo a refinar a classificação dos casos e garantir maior estabilidade na atribuição dos participantes aos *clusters*, com base na estrutura previamente identificada. Esta combinação metodológica (análise hierárquica e *K-means*) permite uma análise mais robusta em estudos com amostras de grandes dimensões (Hennig, 2017). Por fim, foi realizada uma ANOVA, de modo a verificar a validade da solução de *clusters* obtida e identificar as dimensões que contribuem para a distinção dos mesmos. Esta análise foi complementada por testes *post-hoc*, para a análise de diferenças específicas entre grupos.

Adicionalmente, foi realizada uma análise de validade divergente através da correlação de *Pearson*, considerando os *scores* totais do NPI-13 e do HSNS, com o objetivo de avaliar se os instrumentos medem dimensões distintas do narcisismo, detetando, deste modo, potenciais enviesamentos nas respostas ao NPI-13 ou fatores em comum.

Posteriormente foram realizadas análises descritivas de modo a caracterizar a amostra em termos de variáveis sociodemográficas e a avaliar a pertinência de análises posteriores. Para a descrição das variáveis contínuas foram utilizadas medidas de tendência central (e.g., média, moda e mediana) e medidas de dispersão (e.g., mínimo, máximo e desvio-padrão). Cada variável categórica foi descrita mediante frequências absolutas e frequências relativas, tendo em conta o tipo de variável. Com a pretensão de calcular as pontuações médias da EVA, do QEVE, do NPI-13 e da HSNS, foram, de igual modo, realizadas análises estatísticas descritivas, utilizando medidas de tendência central e de dispersão.

Seguidamente, testaram-se os objetivos formulados no presente estudo. De modo a explorar as associações entre variáveis quantitativas (estilos de vinculação, as experiências de invalidação e validação emocional paterna e materna, e os traços de narcisismo) e as variáveis sociodemográficas, foi utilizado o coeficiente de correlação de *Pearson* (r) – teste paramétrico (Laureano, 2022). A direção e a força das associações foram avaliadas segundo

os critérios de *Cohen* (1992), considerando correlações fracas [$r=0.10-0.29$], moderadas [$r=0.30 - 0.49$] e fortes [$r= 0.50 - 1.0$]. Para análise de diferenças das variáveis sociodemográficas (sexo, idade, estado civil, nível de escolaridade e diagnóstico psiquiátrico) relativamente às variáveis principais foram conduzidas MANOVAs com base no critério de *Pillai's Trace*, por ser mais robusto a violações. A sua utilização justifica-se pela natureza multidimensional dos construtos e pela redução do risco de erro tipo I. Para análise de diferenças entre sexos nos *scores* totais do narcisismo foram conduzidos testes *t* de *student* para amostras independentes. Os pressupostos foram verificados através do teste de *Levene* ($p>.05$) e *Box's M* ($p>.001$), considerando-se um IC de 95%. Considera-se que para todas as análises foi adotado o nível de significância $p<.05$ (Laureano, 2022).

De acordo com o segundo objetivo delineado, analisou-se a associação entre a vinculação, as experiências de validação e invalidação (paterna e materna) e a presença de traços de narcisismo, em jovens adultos portugueses, através de correlações de *Pearson*.

Com a finalidade de analisar o terceiro objetivo do estudo, ou seja, verificar se existem diferenças estatisticamente significativas nos traços de narcisismo dos jovens adultos, em função dos estilos de vinculação, recorreu-se à MANCOVA, considerando os estilos de vinculação como variável independente e os traços de narcisismo como variáveis dependentes, controlando para o efeito a idade e o estado civil, tendo em conta que estas variáveis se correlacionaram significativamente com a vinculação. Foi ainda realizada uma ANCOVA para análise dos efeitos univariados e do *score* total e posteriores testes *post hoc* com correção de *Bonferroni*, com intervalo de confiança de 95%. O efeito multivariado global foi avaliado através do *Pillai's Trace*, por ser mais robusto, principalmente quando existem violações de pressupostos (Olson, 1979). Os resultados verificaram-se através das comparações *post-hoc* com correção de *Bonferroni*,

Para analisar o quarto objetivo de estudo referente às diferenças nas experiências de invalidação emocional materna e paterna em função dos três estilos de vinculação identificados previamente (seguro, ansioso e evitante), foi conduzida uma análise de covariância multivariada (MANCOVA), considerando os estilos de vinculação como variável independente (*clusters*) e a invalidação emocional paterna e materna como variáveis dependentes, controlando o efeito das variáveis sociodemográficas (idade, estado civil, diagnóstico psiquiátrico e sexo). O efeito multivariado global foi avaliado através do *Pillai's Trace* (*V*) e, posteriormente, foram analisados os efeitos univariados para as experiências de invalidação emocional. Adicionalmente, foram realizadas comparações múltiplas com correção de *Bonferroni* para identificar diferenças entre os estilos de vinculação.

De modo a analisar o quinto objetivo de estudo, examinando o contributo da experiência de invalidação parental para a predição dos níveis de narcisismo grandioso, após controlar os efeitos da vinculação e do estado civil, foi conduzida uma Regressão Linear Múltipla Hierárquica utilizando o método *Enter*. A análise foi conduzida em três blocos, definidos com base em pressupostos metodológicos e teóricos. No primeiro bloco, foi introduzida a variável estado civil, considerando as diferenças significativas encontradas nas análises preliminares. No segundo bloco, foram incluídas as variáveis da vinculação (segura, ansiosa e evitante). No terceiro bloco, foram introduzidas as variáveis de invalidação parental, de modo a avaliar o seu contributo para a explicação da variância do narcisismo grandioso, para além das variáveis previamente incluídas. Foram alvo de análise, em todos os modelos, os coeficientes de determinação (R^2) e as variações no coeficiente de determinação (ΔR^2), bem como a significância estatística das mudanças observadas (F), permitindo avaliar o contributo incremental de cada bloco de variáveis. Foram examinados os coeficientes de regressão não padronizados (B), os padronizados (β) e valores de significância, de modo a identificar os preditores significativos no modelo final (modelo 3), bem como os pressupostos adjacentes à análise (linearidade, homocedasticidade de resíduos e multicolinearidade).

Após esta análise e indo ao encontro do último objetivo da investigação, foram realizadas duas análises de moderação. Para o efeito, recorreu-se ao macro *PROCESS* (versão 5.0), desenvolvido por Hayes (2022), utilizando o Modelo 1, uma vez que permite testar de forma direta efeitos de interação em modelos de regressão e estimar efeitos condicionais com maior eficiência e robustez. A variável referente à invalidação foi considerada como variável independente (X), o narcisismo grandioso como variável dependente (Y) e as experiências de validação como variável moderadora (W). As variáveis contínuas foram centradas na média, em ambas as análises e antes da criação do termo de interação, de modo a reduzir potenciais problemas de multicolinearidade. A significância de moderação foi avaliada através do termo de interação ($X \times W$). Os intervalos de confiança a 95% foram estimados com recurso ao método *bootstrapping*.

Resultados

Análises Preliminares

Análise de Clusters do EVA

De modo a obter os estilos de vinculação propostos, originalmente, por Hazan e Shaver (1987), foi realizada uma análise de *clusters* (Tabela 2). Por conseguinte, com base no dendograma resultante da análise de *clusters* hierárquica, utilizando o método *Ward* e a distância Euclidiana (Collin e Read, 1990), identificaram-se três perfis distintos: confiança

nos outros, ansiedade e conforto com a proximidade. Posteriormente, tal como no estudo de Canavarro et al. (2006), confirmou-se uma solução de 3 *clusters* ($k=3$). O *cluster* um assemelhou-se ao estilo de vinculação ansioso, tendo revelado pontuações mais altas e positivas em ansiedade e mais baixas em confiança nos outros e conforto com a proximidade. O *cluster* dois revelou pontuações moderadas em confiança nos outros e moderadas em ansiedade e conforto com a proximidade, assemelhando-se ao estilo de vinculação evitante. Por fim, o *cluster* três apresentou pontuações altas em conforto e confiança, tendo predominado a confiança nos outros e baixos níveis de ansiedade, equiparando-se à vinculação segura. Na presente amostra, a vinculação Segura ($F_{(2,257)}=250, p<.001$) foi a que mais contribuiu para a separação dos *clusters*.

Tabela 2

Análise de Clusters do EVA

Dimensões	Estilos de Vinculação/ <i>Clusters</i>								
	Ansioso (1)		Evitante (2)		Seguro (3)		<i>F</i>	<i>gl</i>	<i>p</i>
	<i>(n = 65)</i>		<i>(n = 105)</i>		<i>(n = 90)</i>				
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>			
Conforto	2.28	.463	3.10	.386	3.88	.482	250.762	2	<.001
Ansiedade	3.63	.736	3.05	.808	1.80	.481	147.571	2	<.001
Confiança	2.71	.511	3.58	.410	4.30	.364	264.381	2	<.001

Análises de Estatística Descritiva da EVA, do NPI-13, do QEVE e do HSNS

Para análise da normalidade, foi realizado o teste de *Kolmogorov-Smirnov*, e o teste de *Levene*. No presente estudo, os resultados indicaram desvios significativos à normalidade na maioria das variáveis ($p < .001$), com exceção da variável Confiança nos Outros ($p = .055$), que não revelou violação significativa em ambos os testes. No que respeita aos coeficientes de assimetria e curtose, observa-se na Tabela 3, que os valores se situam globalmente dentro dos limites aceitáveis definidos por Marôco (2021) para utilização de testes paramétricos.

Tabela 3

Análise Descritiva das Variáveis Principais do Estudo

Variáveis	Min.	Máx.	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>A_{ss}</i>	<i>C_{ur}</i>
Vinculação Segura	9.00	30.00	21.69	4.42	-.40	-.20
Vinculação Ansiosa	6.00	30.00	16.59	6.07	.26	-.89
Vinculação Evitante	6.00	29.00	19.03	4.53	-.10	-.33
Invalidação Paterna	13.00	65.00	30.36	12.85	.52	-.87
Invalidação Materna	13.00	65.00	25.63	12.58	1.03	.37

Validação Paterna	8.00	40.00	19.22	9.19	.55	-.75
Validação Materna	8.00	40.00	27.78	8.50	-.41	-.75
NPI-13 Total	0.00	13.00	5.32	3.51	.39	-.86
L/A	0.00	4.00	1.59	1.52	.40	-1.35
G/E	0.00	5.00	2.20	1.45	.24	-.72
E/E	0.00	4.00	1.54	1.46	.51	-1.13
HSNS Total	8.00	40.00	18.89	6.15	.16	-.40
Hipersensibilidade ao julgamento	4.00	20.00	11.38	4.14	-.03	-.93
Egocentrismo	4.00	20.00	7.51	3.23	.92	.49

Análise de Validade Divergente entre o Narcisismo Grandioso e o Narcisismo

Hipersensível

Verificou-se uma correlação positiva e estatisticamente significativa entre o narcisismo hipersensível, medido pelo HSNS e o narcisismo grandioso, medido pelo NPI-13 ($r = .40, p < .01$), indicando uma associação moderada entre os construtos validados. Deste modo, os resultados não sustentam plenamente a validade divergente entre os instrumentos (ver Tabela 9).

Associação entre a Vinculação, as Experiências de (In)validação Parental, os Traços de Narcisismo e as Variáveis Sociodemográficas

Idade. Observou-se uma associação estatisticamente significativa negativa entre a idade e a vinculação ansiosa ($r = -.232, p < .001$) e positiva com a vinculação segura ($r = .136, p = .028$), de magnitude fraca, indicando que participantes com maior idade tendem a apresentar níveis mais baixos de vinculação ansiosa e maiores níveis de vinculação segura. Não se verificou uma associação estatisticamente significativa entre a idade e a vinculação evitante ($r = .041, p = .515$).

Verificou-se, somente, uma associação estatisticamente significativa e positiva entre a idade e a experiência de invalidação paterna ($r = .132, p = .03$), e negativa com a validação paterna ($r = -.180, p = .004$), com participantes com mais idade a reportar menores níveis de validação paterna e maiores níveis de invalidação paterna.

Os resultados, não revelaram a existência de uma associação estatisticamente significativa entre a idade e os níveis de narcisismo grandioso ($r = .005, p = .932$), mas revelaram resultados negativos e estatisticamente significativos entre a idade e o narcisismo hipersensível total ($r = .241, p < .001$) e a hipersensibilidade ao julgamento ($r = .318, p < .001$). Não se verificou uma correlação estatisticamente significativa entre a idade e o fator egocentrismo ($r = -.050, p = .425$).

Os resultados encontram-se evidenciados na Tabela 4.

Tabela 4*Correlações entre as Variáveis do Estudo e a Idade*

Variáveis	Idade
Vinculação	
Vinculação Segura	.136*
Vinculação Ansiosa	-.232**
Vinculação Evitante	.041
Invalidação/Validação	
Invalidação Pai	.132*
Invalidação Mãe	-.073
Validação Pai	-.180**
Validação Mãe	-.063
Narcisismo Grandioso Total	.005
L/A	.047
G/E	-.012
E/E	-.024
Narcisismo Hipersensível Total	-.241**
Egocentrismo	-.050
Hipersensibilidade ao Julgamento	-.318**

Nota. $N = 260$. ** $p < .01$, * $p < .05$.

Sexo. Os resultados revelaram um efeito multivariado estatisticamente significativo do sexo no conjunto das dimensões da vinculação ($V = .073$, $F_{(3,256)} = 6.71$, $p < .001$). Verificou-se um efeito univariado do sexo na vinculação ansiosa ($F_{(1,258)} = 16.57$, $p < .001$, $\eta^2 = .060$). Participantes do sexo feminino apresentaram valores médio mais altos de vinculação ansiosa em comparação com o sexo masculino. O teste de *Levene* revelou violação da homogeneidade de variâncias na dimensão segura ($p < .001$) e evitante ($p < .001$). Este pressuposto foi cumprido na dimensão da ansiedade ($p = .116$), indicando variâncias homogêneas.

Relativamente às experiências de validação e invalidação parental, verificou-se um efeito multivariado estatisticamente significativo do sexo ($V = .084$, $F_{(4,255)} = 5.83$, $p < .001$, $\eta^2 = .084$). Verificou-se um efeito univariado significativo do sexo nas experiências de validação paterna ($F_{(1,258)} = 11.71$, $p < .001$, $\eta^2 = .043$) e de invalidação paterna ($F_{(1,258)} = 8.07$, $p = .005$, $\eta^2 = .030$). Na experiência de invalidação paterna, os participantes do sexo masculino apresentaram valores médios superiores comparativamente ao sexo feminino

($p=.005$). Na experiência de validação paterna, verificou-se o padrão inverso, com o sexo feminino a apresentar médias superiores em comparação com o sexo masculino ($p=.043$). Por fim, na experiência de validação materna, não se verificaram diferenças relevantes entre grupos ($p=.923$). O teste de *Levene* indicou violação nas dimensões de invalidação paterna ($p=.004$) e validação paterna ($p=.035$), enquanto as dimensões de invalidação materna ($p=.565$) e validação materna ($p=.181$) não apresentaram violação deste pressuposto. Apesar destas violações pontuais, o cumprimento do pressuposto de homogeneidade das matrizes de covariância e o resultado global significativo da MANOVA sustentam a robustez da análise multivariada (Tabela 5).

Não foram observadas diferenças de sexo estatisticamente significativas nas dimensões do narcisismo grandioso, nem no *score* total ($t_{(181)}=.33$, $p=.742$). O tamanho do efeito mostrou-se reduzido para o total ($d=.04$) e o teste de *Levene* revelou-se significativo ($p<.001$).

No narcisismo hipersensível, verificou-se que o sexo feminino apresentou valores de narcisismo hipersensível total superiores ao sexo masculino ($t_{(193,53)}=-3.79$, $p<.001$, $d=-.50$). Verificou-se um efeito multivariado estatisticamente significativo do sexo nos fatores do narcisismo ($V=.157$, $F_{(2,257)}=23.91$, $p<.001$, $\eta^2=.157$). Observou-se que o sexo feminino apresentou valores de hipersensibilidade ao julgamento superiores ao sexo masculino ($F_{(1,258)}=39.04$, $p<.001$, $\eta^2=.131$). O teste de *Levene* revelou-se significativo ($p<.001$), por esse motivo foram considerados os resultados de *t* de *Welch*, ajustando os graus de liberdade e garantindo maior robustez teórica.

Tabela 5

Diferenças entre sexos na Vinculação, nas Experiências de (In)validação Parental e nos Traços de Narcisismo

Variáveis	Masculino ($n = 109$)		Feminino ($n = 151$)		Significância estatística		
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>t/F</i>	<i>p</i>	<i>d / \eta p^2</i>
Vinculação							
Segura	3.27	.85	3.09	.66	3.77	.053	.01
Ansiosa	2.47	.92	2.97	1.02	16.57	<.001	.06
Evitante	3.64	.89	3.59	.59	.35	.550	.00
Invalidação/ Validação							
Invalidação Pai	32.99	13.42	28.46	12.11	8.06	.005	.03
Invalidação Mãe	24.12	12.00	16.73	12.91	2.74	.099	.01
Validação Paterna	16.97	8.15	20.85	9.58	11.70	<.001	.04
Validação Materna	27.72	8.09	26.73	12.91	.00	.923	.00

Narcisismo Grandioso							
Total	5.41	4.19	5.26	2.93	.33	<.001	.04
L/A	1.67	1.60	1.53	1.47	.53	.467	.00
G/E	2.24	1.59	2.17	1.34	.15	.690	.00
E/E	1.50	1.67	1.56	1.30	.10	.753	.00
Narcisismo	17.17	6.87	20.14	5.25	-3.79	<.001	-.50
Hipersensível Total							
Egocentrismo	7.55	3.68	7.48	2.87	.02	.869	.00
Hipersensibilidade	9.61	4.04	12.66	3.74	39.04	<.001	.13
ao julgamento							

Diagnóstico Psiquiátrico. Verificou-se um efeito multivariado significativo do diagnóstico psiquiátrico nos estilos de vinculação ($V=.058$, $F_{(3,256)} = 5.29$, $p = .001$, $\eta^2 = .058$). Verificou-se um efeito univariado estatisticamente significativo na vinculação ansiosa ($F_{(1,258)} = 1.13$, $p=.290$, $\eta^2=.054$), com níveis mais elevados entre os participantes com diagnóstico psiquiátrico comparativamente aos participantes sem diagnóstico. Os pressupostos foram cumpridos.

Não se verificou um efeito multivariado significativo do diagnóstico psiquiátrico ($V=.031$, $F_{(4,255)} = 2.06$, $p=.086$, $\eta^2=.031$). Verificou-se um efeito univariado estatisticamente significativo na invalidação materna, ($F_{(1,258)} = 7.01$, $p=.009$), com valores mais elevados no grupo com diagnóstico. Do mesmo modo observou-se um efeito significativo nas experiências de validação materna, ($F_{(1,258)} = 4.01$, $p=.046$), com o grupo com diagnóstico a apresentar níveis inferiores em comparação com o grupo sem diagnóstico. Os testes de *Levene* indicaram homogeneidade de variâncias para a maioria das variáveis ($p > .05$), com exceção da experiência de invalidação materna ($p=.003$). Com o teste de *Box's M* significativo ($p=.013$), considerou-se a estatística de *Pillai's Trace*, mais robusta nestas situações.

No narcisismo grandioso, os resultados revelaram um efeito multivariado estatisticamente significativo ($V=.043$, $F_{(3,256)} = 3.79$, $p=.01$, $\eta^2=.043$). Verificou-se um efeito univariado significativo na dimensão G/E, ($F_{(1,258)} = 4.96$, $p=.027$, $\eta^2=.019$), revelando valores inferiores no grupo com diagnóstico. O resultado do teste *t* de *student para* o total revelou que não existem diferenças entre os grupos ($t_{(258)} = .309$, $p=.757$, $d= .07$). Os pressupostos foram cumpridos.

Relativamente ao narcisismo hipersensível, os resultados demonstraram um efeito multivariado significativo do diagnóstico psiquiátrico sobre o conjunto de variáveis dependentes ($V=.032$, $F_{(2,257)} = 4.18$, $p=.016$, $\eta^2=.032$). Verificou-se um efeito univariado

significativo no total do narcisismo hipersensível ($F_{(1,258)} = 4.08, p = .044, \eta p^2 = .016$) e no fator hipersensibilidade ao julgamento ($F_{(1,258)} = 7.73, p = .006, \eta p^2 = .029$) com médias mais elevadas entre os participantes com diagnóstico. O teste de *Levene* sustentou a adequação dos pressupostos para a realização da MANOVA ($p > .05$; Tabela 6).

Tabela 6

Diferenças relativamente à Vinculação, às Experiências de (In)validação Parental e aos Traços de Narcisismo, em função da existência de Diagnóstico Psiquiátrico

Variáveis	S/Diagnóstico (n=231)		C/Diagnóstico (n=21)		Significância estatística		
	M	DP	M	DP	F	P	ηp^2
Vinculação							
Segura	3.18	.74	2.97	.84	1.53	.216	.00
Ansiosa	2.69	.97	3.55	1.06	14.64	<.001	.05
Evitante	3.63	.73	3.45	.79	1.12	.290	.00
Invalidação/ Validação							
Invalidação paterna	29.96	12.95	34.90	10.94	2.87	.091	.01
Invalidação materna	25.03	11.97	32.52	16.99	7.01	.009	.01
Validação Pai	19.33	9.27	17.95	8.35	.43	.510	.00
Validação Mãe	28.10	8.29	24.24	10.14	4.01	.046	.01
Narcisismo Grandioso	5.34	3.54	5.10	3.19	.09	.757	.00
Total							
L/A	1.59	1.54	1.62	1.39	.00	.924	.00
G/E	2.26	1.45	1.52	1.28	4.96	.027	.01
E/E	1.50	1.45	1.95	1.56	1.82	.178	.00
Narcisismo	18.67	6.14	21.48	5.70	4.08	.044	.01
Hipersensível Total							
Egocentrismo	7.49	3.29	7.71	2.57	.08	.765	.00
Hipersensibilidade ao julgamento	11.17	4.06	13.76	4.38	7.72	.006	.02

Estado Civil. Verificou-se um efeito multivariado significativo do estado civil nos estilos de vinculação ($V = .038, F_{(3,256)} = 3.34, p = .020, \eta p^2 = .38$). Constatou-se um efeito univariado estatisticamente significativo na vinculação segura ($F_{(1,258)} = 5.01, p = .026, \eta p^2 = .02$) com o grupo de casados/em união de facto a apresentar níveis superiores, e na vinculação ansiosa ($F_{(1,258)} = 9.67, p = .002, \eta p^2 = .036$), com o grupo de solteiros/divorciados a evidenciar níveis mais elevados nesta dimensão. O teste de *Levene* não apresentou valores significativos para as três dimensões ($p > .05$), no entanto o teste de *Box's M* foi significativo ($p = .001$), considerando-se, deste modo, o valor de *Pillai's Trace* para interpretar resultados.

Nas experiências de invalidação parental e validação, não se verificou um efeito multivariado estatisticamente significativo ($V=.022$, $F_{(4,255)} = 1.43$, $p=.022$), nem efeitos univariados. Os pressupostos foram cumpridos ($p=.176$). O teste de *Levene*, revelou de uma forma geral, a homogeneidade das variâncias para as variáveis em estudo, com exceção da experiência de invalidação paterna ($p=.021$; Tabela 7).

Relativamente ao narcisismo grandioso, não se verificou um efeito multivariado significativo do estado civil nas dimensões do narcisismo ($V=.002$, $F_{(3,256)} = .170$, $p=.917$, $\eta^2=.002$). Não foi revelado um efeito univariado estatisticamente significativo nas dimensões. O resultado do teste *t* de *student para* o total revelou que não existem diferenças entre os grupos ($t_{(283)} = -.440$, $p=.663$, $d=-.10$) sugerindo que os níveis destas variáveis não diferem consoante o estado civil.

No que concerne ao narcisismo hipersensível, os resultados revelaram um efeito multivariado estatisticamente significativos ($V=.045$, $F_{(2,257)}=5.99$, $p=.003$, $\eta^2=.045$). Verificou-se um efeito univariado estatisticamente significativo somente no fator hipersensibilidade ao julgamento ($F_{(1,258)}=10.51$, $p=.002$, $\eta^2=.039$), com os indivíduos solteiros/divorciados a apresentarem níveis mais elevados comparativamente aos indivíduos casados ou em união de facto. Relativamente aos pressupostos, os mesmos foram cumpridos, à exceção do fator Egocentrismo.

Tabela 7

Diferenças nos Traços de Narcisismo, na Vinculação e nas Experiências de (In)validação Parental em função do Estado Civil

Variáveis	Solteiro(a)/ Divorciado(a) (n=231)		Casado(a)/União de facto (n=29)		Significância estatística		
	M	DP	M	DP	t/F	p	d / η^2
Vinculação							
Segura	3.13	.75	3.46	7.11	5.01	.026	.01
Ansiosa	2.83	1.00	2.22	.88	9.67	.002	.03
Evitante	3.58	.72	3.85	.841	3.49	.063	.01
Validação/Invalidação							
Validação paterna	19.33	9.17	18.34	9.45	.29	.586	.00
Validação materna	27.74	8.55	28.17	8.22	.06	.795	.00
Invalidação paterna	29.88	12.50	34.21	15.03	2.94	.087	.01
Invalidação materna	25.79	12.41	24.38	13.96	.32	.570	.00
Narcisismo Grandioso Total	5.28	3.39	5.66	4.41	-.44	.004	-.10

L/A	1.57	1.52	1.72	1.57	.25	.613	.00
G/E	2.18	1.41	2.34	1.77	.34	.560	.00
E/E	1.53	1.43	1.59	1.76	.03	.853	.00
Narcisismo Hipersensível Total	19.19	5.90	16.52	7.55	2.22	.014	.43
Egocentrismo	11.67	4.06	9.07	4.12	.01	.911	.00
Hipersensibilidade ao julgamento	7.52	3.10	7.45	4.23	10.51	.002	.03

Nível de escolaridade. Não se verificou um efeito multivariado significativo do nível de escolaridade nos estilos de vinculação ($V=.006$, $F_{(3,256)}=.170$, $p=.917$, $\eta^2=.002$), nem um efeito univariado estatisticamente significativo. O mesmo se verificou nos resultados relativos às experiências de validação e invalidação parentais ($V=.017$, $F_{(4, 255)}=1.09$, $p=.359$, $\eta^2=.017$).

No que concerne ao narcisismo grandioso, os resultados revelaram um efeito multivariado estatisticamente significativo do nível de escolaridade nas dimensões ($V=.034$, $F_{(3,256)}=3.01$, $p=.031$, $\eta^2=.034$). Verificou-se um efeito univariado nas dimensões G/E ($F_{(1,258)}=6.67$, $p=.010$, $\eta^2=.025$), E/E ($F_{(1,258)}=4.38$, $p=.037$, $\eta^2=.017$). Os participantes com até 12 anos de escolaridade apresentaram médias superiores. O mesmo resultado foi verificado no total do narcisismo ($t_{(258)}=2.19$, $p=.029$), contudo o tamanho do efeito revelou-se pequeno ($d=.27$).

Relativamente ao narcisismo hipersensível, não se verificou um efeito multivariado ($V=.003$, $F_{(2,257)}=.434$, $p=.648$, $\eta^2=.003$), nem univariado estatisticamente significativos do nível de escolaridade nos fatores. O mesmo resultado foi verificado no total do narcisismo hipersensível ($t_{(258)}=.39$, $p=.693$, $d=.05$).

Relativamente aos pressupostos da análise, o teste *Box's M* não revelou diferenças estatisticamente significativas entre as matrizes de covariância ($p=.176$). Segundo os testes de *Levene*, o pressuposto de homogeneidade de variâncias foi, de igual modo, cumprido para todas as variáveis dependentes ($p > .05$). Globalmente, os valores de R^2 indicaram um baixo poder explicativo do modelo (Tabela 8).

Tabela 8

Diferenças, na Vinculação, nas Experiências de (In)validação Parental e nos Traços de Narcisismo em função do Nível de Escolaridade

Variáveis	Até 12 anos de Escolaridade (n=144)		Mais de 12 anos de Escolaridade (n=116)		Significância estatística		
	M	DP	M	DP	F (3,256)	p	η^2

Vinculação							
Segura	3.18	.77	3.15	.73	.05	.814	.00
Ansiosa	2.81	1.03	2.70	.98	.78	.376	.00
Evitante	3.61	.77	3.61	.73	.00	.938	.00
Validação/ Invalidação							
Validação Pai	19.86	9.35	18.43	8.97	1.55	.213	.00
Validação Mãe	28.59	8.53	26.78	8.39	2.91	.089	.01
Invalidação Pai	30.36	13.04	30.36	12.67	.00	1.00	.00
Invalidação Mãe	25.25	11.61	26.11	12.58	.30	.584	.00
NPI-13 Total	5.75	3.44	4.79	3.54	4.83	.029	.01
L/A	1.64	1.54	1.53	1.51	.35	.554	.00
G/E	2.40	1.41	1.94	1.47	6.66	.010	.025
E/E	1.71	1.46	1.33	1.45	4.37	.037	.017
HSNS Total	19.03	6.00	18.72	6.34	.15	.693	.00
Egocentrismo	7.47	3.09	7.56	3.41	.04	.828	.00
Hipersensibilidade ao julgamento	11.56	4.12	11.16	4.18	.57	.450	.00

Associação Entre a Vinculação, as Experiências de Invalidação Parental e os Traços de Narcisismo

Vinculação e Experiências de Invalidação Emocional. Observaram-se correlações negativas entre a vinculação segura e a experiência de invalidação paterna ($r = -.37, p < .01$) e materna ($r = -.22, p < .05$), bem como correlações positivas e estatisticamente significativas com a de validação paterna ($r = .39, p < .01$) e materna ($r = .29, p < .01$), indicando que níveis de vinculação segura se associam a maior validação e menor invalidação parental.

Relativamente à vinculação ansiosa, verificaram-se correlações estatisticamente significativas e positivas com a invalidação paterna ($r = .26, p < .01$) e materna ($r = -.30, p < .01$) e correlações negativas com a validação paterna ($r = -.18, p < .01$) e materna ($r = -.22, p < .01$), sugerindo que níveis mais elevados de vinculação ansiosa se associam a experiências de maior invalidação e de menor validação emocional. Por fim, a vinculação evitante apresentou correlações negativas com a invalidação paterna ($r = -.39, p < .01$) e materna ($r = -.36, p < .01$) e correlações positivas com a validação paterna ($r = .27, p < .01$) e materna ($r = .25, p < .01$), apontando para uma associação entre a vinculação evitante e experiências de menor invalidação parental, bem como de maior validação.

Vinculação e Narcisismo Grandioso. Observou-se uma correlação negativa estatisticamente significativa entre o narcisismo grandioso e a vinculação segura ($r = .21$,

$p < .01$) e a vinculação evitante ($r = -.29, p < .01$). Verificou-se uma correlação positiva entre o narcisismo grandioso e a vinculação ansiosa ($r = .12, p < .05$), indicando que níveis mais elevados de narcisismo grandioso se associam a menores níveis de segurança na vinculação e maiores níveis de vinculação ansiosa.

Vinculação e Narcisismo Hipersensível. Observou-se uma correlação negativa e estatisticamente significativa entre o HSNS total e a vinculação segura ($r = -.49, p < .01$) e a vinculação evitante ($r = -.50, p < .01$), indicando que níveis mais elevados de narcisismo hipersensível se associam a menores níveis de segurança e evitamento na vinculação. Adicionalmente, verificou-se uma correlação positiva entre o HSNS total e a vinculação ansiosa ($r = .54, p < .01$), sugerindo que níveis mais elevados de narcisismo hipersensível se associam a maiores níveis de vinculação ansiosa.

Experiências de Invalidação Emocional e Narcisismo Grandioso. Observaram-se correlações estatisticamente significativas e positivas do narcisismo com as experiências de invalidação emocional paterna ($r = .27, p < .01$) e materna ($r = .36, p < .01$). Por outro lado, observaram-se correlações significativas e negativas com a experiência de validação emocional paterna ($r = -.19, p < .01$) e materna ($r = -.29, p < .01$). Verificaram-se correlações positivas e significativas entre a experiência de invalidação paterna e as dimensões do narcisismo grandioso: L/A ($r = .24, p < .01$) e E/E ($r = .31, p < .01$), tal como entre a de invalidação materna e as dimensões L/A ($r = .24, p < .01$), G/E ($r = .29, p < .01$) e E/E ($r = .33, p < .01$).

Experiências de Invalidação Emocional e Narcisismo Hipersensível. Observaram-se correlações estatisticamente significativas entre as variáveis. Constatou-se uma correlação positiva entre a invalidação paterna ($r = .32, p < .01$) e materna ($r = .50, p < .01$) e o HSNS total, indicando que níveis mais elevados de narcisismo hipersensível se associam a uma experiência de maior invalidação emocional. Relativamente à validação, verificou-se uma correlação positiva e estatisticamente significativa entre a validação paterna e o HSNS ($r = .20, p < .01$) e negativa entre a experiência de validação materna e o HSNS ($r = -.39, p < .01$) [ver Tabela 9].

Tabela 9*Correlação de Pearson das Variáveis Principais do Estudo*

Variáveis	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14
1. Vinculação Segura	—													
2. Vinculação Ansiosa	-.50**	—												
3. Vinculação Evitante	.61**	.55*	—											
4. Invalidação Paterna	-.37**	.26**	-.39**	—										
5. Invalidação Materna	-.22*	.30**	-.36**	.36**	—									
6. Validação Paterna	.39**	-.18**	.27**	-.19**	-.08	—								
7. Validação Materna	.29**	-.22**	.25**	-.29**	-.14*	-.25**	—							
8. Narcisismo Grandioso	-.21**	.12*	-.29**	.27**	.36**	-.19**	-.29**	—						
9. L/A	-.07	.02	-.25**	.81**	.24**	-.08	-.14*	.81**	—					
10. G/E	-.07	.01	-.02	.72**	.33**	-.10	-.25**	.72**	.33**	—				
11. E/E	-.37**	.24**	-.41**	.83**	.56**	.40**	-.30**	.83**	.56**	.40**	—			
12. Narcisismo Hipersensível	-.49**	.54**	-.50**	.40**	.20**	.27**	.48**	.40**	.50**	.20**	-.39**	—		
13. Egocentrismo	-.40**	.59**	-.42**	.22**	.05	.15*	.32**	.21**	.42**	.10	-.31**	.87**	—	
14. Hipersensibilidade ao julgamento	-.42**	.26**	-.41**	.48**	.30**	.32**	.51**	.33**	.41**	.24**	-.34**	.78**	.37**	—

Nota. N= 260. ** $p < .01$, * $p < .05$

Diferenças entre os três estilos de Vinculação nos Traços de Narcisismo Grandioso em Jovens Adultos

Verificou-se um efeito multivariado estatisticamente significativo dos estilos de vinculação nos traços de narcisismo grandioso ($V = .199$, $F_{(6,510)} = 9.38$, $p < .001$, $\eta p^2 = .10$) e um efeito univariado estatisticamente significativo dos estilos de vinculação na dimensão E/E ($F_{(2,257)} = 22.75$, $p < .001$) com o grupo de vinculação ansiosa a apresentar a média mais elevada ($p = .005$) em comparação com os grupos evitante e seguro. Verificaram-se diferenças estatisticamente significativas entre os estilos de vinculação no total do narcisismo grandioso ($F_{(2,255)} = 5.45$, $p = .005$, $\eta p^2 = .041$), com as comparações entre grupos a revelarem valores mais elevados no grupo de vinculação ansiosa ($p < .001$), quando comparado com os grupos evitante e seguro.

Relativamente aos pressupostos da análise, optou-se por interpretar o *Pillai's Trace*, por ser robusto a violações de pressupostos multivariados. O teste de *Levene* indicou que o pressuposto de homogeneidade das variâncias foi satisfeito para o narcisismo grandioso ($F_{(2,257)} = 2.45$, $p = .088$), para a dimensão L/A ($F_{(2,257)} = 1.37$, $p = .256$) e para a G/E ($F_{(2,257)} = 2.83$, $p = .061$). Contudo, na dimensão E/E, o pressuposto foi violado, pelo que os resultados relativos a esta variável foram lidos com cautela (ver Tabela 10).

Tabela 9

Diferenças entre os Três Estilos de Vinculação nos Traços de Narcisismo Grandioso em Jovens Adultos

Variáveis	Vinculação Segura		Vinculação Ansiosa		Vinculação Evitante		Significância estatística		
	M	DP	M	DP	M	DP	$F_{(6,510)}$	p	ηp^2
NPI-13 total	4.58	3.31	6.38	3.77	5.30	3.38	5.48	.005	.04
L/A	1.43	1.49	1.85	1.63	1.56	1.48	1.53	.218	.01
G/E	2.23	1.50	2.15	1.60	2.19	1.31	.03	.967	.00
E/E	.91	1.18	2.38	1.50	1.55	1.40	22.75	<.001	.15

Nota. O modelo foi controlado para as variáveis: Estado Civil e Idade.

Diferenças entre os Três Estilos de Vinculação e as Experiências de Invalidação Paterna e Materna, em Jovens Adultos

Procedeu-se à realização de uma análise multivariada de covariância (MANCOVA), controlando o efeito da idade, estado civil, diagnóstico psiquiátrico e sexo (Tabela 11). Os resultados revelaram um efeito multivariado estatisticamente significativo dos estilos de vinculação nas experiências de validação materna e paterna ($V = .10$, $F_{(3,510)} = 13.99$, $p < .001$,

$\eta p^2 = .10$). Verificou-se um efeito univariado estatisticamente significativo dos estilos de vinculação nas experiências de invalidação materna ($F_{(2,256)} = 13.60, p < .001, \eta p^2 = .096$), bem como na de invalidação paterna ($F_{(2,256)} = 24.84, p < .001, \eta p^2 = .163$). As comparações múltiplas com correção *Bonferroni* revelaram diferenças significativas entre o grupo de vinculação ansiosa e o grupo de vinculação evitante ($p = .006$), e entre o grupo de vinculação ansiosa e o de vinculação segura ($p < .001$) nas experiências de invalidação materna, com o grupo de vinculação ansiosa a apresentar valores mais elevados de invalidação materna do que os grupos de vinculação segura e evitante. Nas experiências de invalidação paterna, observaram-se diferenças estatisticamente significativas entre todos os grupos, com o grupo de vinculação ansiosa a apresentar valores superiores aos grupos de vinculação evitante ($p = .016$) e de vinculação segura ($p < .001$). O grupo de vinculação evitante apresentou níveis significativamente superiores de experiências de invalidação paterna e materna, quando comparado com o grupo seguro ($p < .001$).

O teste *Box's M* não revelou violações da homogeneidade das matrizes ($M = 8.28, F_{(6,742)} = 1.36, p = .225$) e o teste de *Levene* indicou homogeneidade de variâncias para a experiência de invalidação materna ($F_{(2,257)} = 1.00, p = .367$) e para a de invalidação paterna ($F_{(2,257)} = 2.69, p = .069$).

Tabela 10

Diferenças entre os Três Estilos de Vinculação e as Experiências de Invalidação Paterna e Materna.

Variáveis Dependentes	Vinculação Segura (<i>n</i> =90)		Vinculação Ansiosa (<i>n</i> =65)		Vinculação Evitante (<i>n</i> =105)		Significância estatística		
							<i>F</i> (3,510)	<i>p</i>	ηp^2
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>			
Invalidação Paterna	24.52	10.41	37.26	13.03	31.10	12.42	24.84	<.001	.163
Invalidação Materna	21.20	12.18	31.54	11.53	25.78	12.09	13.60	<.001	.096

Nota. O modelo foi controlando para as variáveis: Idade, Estado Civil, Diagnóstico Psiquiátrico e Sexo.

Contributo da Experiência de Invalidação Parental para a Predição dos níveis de Narcisismo Grandioso em Jovens Adultos Portugueses, após controlo do Efeito da Vinculação

Verificadas as correlações entre as variáveis, procedeu-se à análise da predição dos níveis de narcisismo grandioso, após controlo do efeito da vinculação e do estado civil. Para

o efeito, foi realizada uma análise de regressão hierárquica em três blocos (Tabela 12), tendo como variável dependente o *score* total do narcisismo grandioso. Visualmente, através do diagrama de dispersão, verificaram-se relações aproximadamente lineares. O Modelo 1, que incluiu a variável estado civil, não demonstrou capacidade preditiva significativa sobre o narcisismo grandioso total ($F_{(1,258)} = 0.29, p = .59$), explicando apenas 0.1% da variância. No Modelo 2, ao adicionar os três estilos de vinculação, verificou-se um aumento significativo da variância explicada ($R^2 = .096, \Delta R^2 = .094, F_{(3,255)} = 6.74, p < .001$). Apenas a vinculação segura apresentou um efeito significativo ($\beta = -.304, p < .001$), indicando uma associação negativa com o narcisismo grandioso. No modelo 3, foram incluídas as variáveis de experiências de invalidação parental, observando-se um aumento adicional significativo da variância explicada ($R^2 = .183, \Delta R^2 = .088, F_{(2,253)} = 13.56, p < .001$). A experiência de invalidação materna revelou ser um preditor significativo do narcisismo ($\beta = .282, p < .001$), ao contrário da experiência de invalidação paterna ($\beta = .092, p = .174$).

Tabela 11

Predição dos níveis de Narcisismo Grandioso

Variáveis Preditoras	Modelo de predição do Narcisismo Grandioso				
	β	ΔR^2	R	T	Sig. F Change
Modelo 1		.00	.03	6.12	.590
Estado Civil	.034				
Modelo 2		.08	.30	5.25	<.001
Vinculação Segura	-.30***				
Vinculação Ansiosa	-.05				
Vinculação Evitante	-.04				
Modelo 3		.16	.42	3.25	<.001
Invalidação Paterna	.092				
Invalidação Materna	.28***				

Nota. *** $p < .001$.

Papel Moderador da Experiência de Validação na relação entre a Invalidação e o Narcisismo Grandioso

Experiência de Validação Materna como variável moderadora. Os resultados indicaram que o modelo de regressão moderada foi estatisticamente significativo, ($F_{(3,256)} = 15.86, p < .001$), explicando 15.7% da variância do narcisismo grandioso (Tabela 13). Verificou-se, deste modo, um efeito principal positivo da experiência de invalidação paterna ($b = .053, SE = .016, p = .001$), indicando que experiências com níveis mais elevados de invalidação paterna se encontram associados a maiores níveis de narcisismo grandioso.

Observou-se, adicionalmente, um efeito de interação significativo entre a experiência de invalidação paterna e a de validação materna ($b = -.006$, $SE = .002$, $p = .001$), sugerindo a presença de moderação. Neste sentido, a análise dos efeitos condicionais demonstrou que a relação entre invalidação paterna e narcisismo grandioso é mais forte quando a experiência de validação materna é baixa e mais fraca quando a experiência de validação materna aumenta (ver Figura 1).

Tabela 12

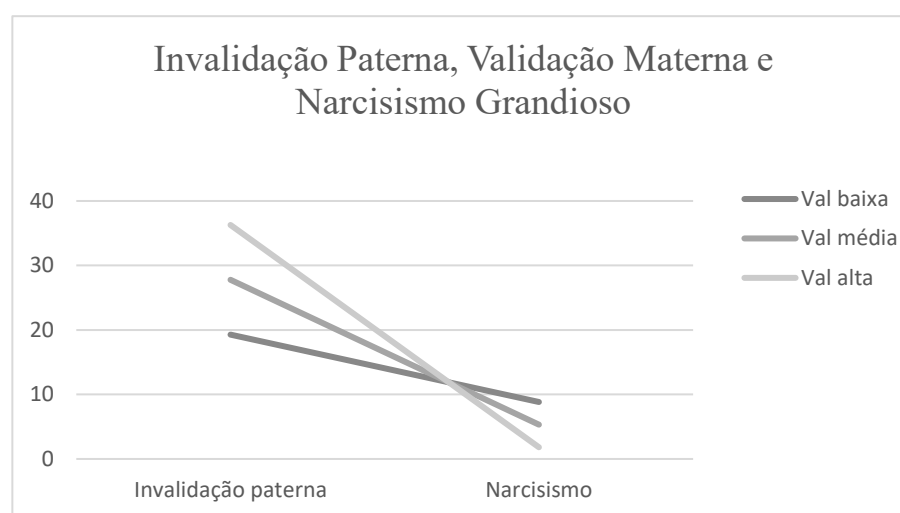
Papel moderador das Experiências de Validação Emocional Materna na relação entre a Invalidação Emocional Paterna e o Narcisismo Grandioso

<i>Efeito</i>	<i>B</i>	<i>SE</i>	<i>95% CI</i>		<i>p</i>
			<i>LL</i>	<i>UL</i>	
<i>Efeitos Fixos</i>					
Interseção	5.093	.213	4.67	5.51	.000
Validação materna	-.098	.025	-.14	-.04	.000
Invalidação paterna	.053	.016	.02	.08	.001
Interação InvPai x ValMãe	-.006	.002	-.01	-.00	.001

Nota. $N = 260$. b = Coeficiente não padronizado; SE = Erro Padrão; CI = Intervalo de confiança; LL = Limite inferior; UL = Limite superior.

Figura 1.

Experiência de Validação Emocional Materna como moderadora da relação entre a Experiência de Invalidação Emocional Paterna e o Narcisismo Grandioso



Experiência de Validação Emocional Paterna como Variável Moderadora. Os resultados (Tabela 15) indicaram que o modelo de regressão moderada foi estatisticamente significativo ($F_{(3,256)} = 13.15$, $p < .001$), explicando 16.7% da variância dos traços de narcisismo grandioso. Verificou-se, deste modo, um efeito principal positivo da experiência

de invalidação materna ($b = .093$, $SE = .019$, $p < .001$), indicando que experiências com níveis mais elevados de invalidação materna se encontram associados a maiores níveis de narcisismo grandioso. Observou-se um efeito de interação estatisticamente significativo entre a experiência de invalidação materna e a de validação paterna ($b = -.005$, $SE = .002$, $p = .019$), sugerindo a presença de efeito moderador. A análise dos efeitos condicionais revelou que a relação entre a experiência de invalidação materna e os traços de narcisismo grandioso é mais forte em experiências com níveis baixos de validação paterna ($b = .142$, $p < .001$) e deixa de ser estatisticamente significativa em experiências com níveis elevados de validação paterna ($b = .042$, $p < .148$) [ver Figura 2].

Tabela 13

Papel moderador da Experiência de Validação Paterna na Relação entre as Experiências de Invalidação Materna e o Narcisismo Grandioso.

<i>Efeito</i>	<i>B</i>	<i>SE</i>	<i>95% CI</i>		<i>p</i>
			<i>LL</i>	<i>UL</i>	
<i>Efeitos Fixos</i>					
Interseção	5.168	.214	4.74	5.59	.000
Validação paterna	-.041	.023	-.08	.00	.080
Invalidação materna	.093	.019	.05	.13	.000
Interação InvMãe x ValPai	-.004	.002	-.00	-.00	.018

Nota. $N = 260$. B = Coeficiente não padronizado; SE = Erro Padrão; CI = Intervalo de confiança; LL = Limite inferior; UL = Limite superior.

Figura 2

Experiência de Validação Paterna como moderadora da relação entre a Experiência de Invalidação Materna e o Narcisismo Grandioso



Discussão

O presente estudo teve como objetivo principal analisar o papel da vinculação e da experiência de invalidação materna e paterna, na manifestação de traços de narcisismo, numa amostra de 260 jovens adultos portugueses.

No que respeita ao primeiro objetivo do estudo, procurou-se analisar a associação entre a vinculação, as experiências de invalidação parental e traços de narcisismo e as variáveis sociodemográficas (sexo, idade, nível de escolaridade, estado civil e diagnóstico de doença psiquiátrica). Na análise da associação entre a experiência de invalidação parental e o sexo, confirmou-se parcialmente a H1. Verificaram-se diferenças estatisticamente significativas da experiência de invalidação paterna entre os sexos, com participantes do sexo masculino a reportarem experiências superiores de invalidação paterna. Este resultado reflete padrões descritos na literatura, que sugerem que figuras paternas mais facilmente desencorajam a expressão emocional nos filhos do sexo masculino devido a normas tradicionais de masculinidade, valorizando características como o autocontrolo (Chaplin et al., 2005; DeLoretta et al., 2024) e percecionando as emoções como sinal de fraqueza (Boucher et al., 2013; Sebastião et al., 2023). Não se verificaram diferenças estatisticamente significativas na experiência de validação materna. Apesar de investigações referirem a figura materna como mais validante do sexo feminino, os mesmos autores salientam uma maior variabilidade no comportamento paterno do que no materno, pelo facto de as mães serem mais responsivas emocionalmente, independentemente do sexo dos filhos, o que pode ajudar a explicar a ausência de diferenças significativas (Chaplin et al., 2005; DeLoretta et al., 2024).

Seguidamente, os resultados confirmaram parcialmente a H2. No domínio do narcisismo grandioso, não se observaram diferenças significativas entre os sexos, apesar da literatura apontar para valores mais elevados deste traço no sexo masculino (APA, 2022; Green et al., 2024; Grijalva et al., 2015; Oberleiter et al., 2024). Estes resultados poderão, no entanto, refletir tendências contemporâneas, pelo que estudos sugerem que as diferenças de sexos associadas ao narcisismo grandioso são cada vez menos visíveis entre homens e mulheres, devido à transformação de normas e expectativas sociais relativas aos papéis de homens e mulheres (Grijalva et al., 2015). No entanto, observaram-se diferenças estatisticamente significativas entre os sexos nos níveis do narcisismo hipersensível, com o sexo feminino a apresentar níveis superiores, particularmente na hipersensibilidade ao julgamento. O sexo feminino vem sendo descrito como mais vulnerável e mais sensível à crítica, como referem alguns autores, visto que ao longo do desenvolvimento, a mulher é

frequentemente encorajada a desenvolver uma maior orientação para as relações interpessoais e para a manutenção da aprovação social (Green et al., 2024; Weidman et al., 2023).

Os resultados mostraram ainda que o sexo feminino apresentou níveis superiores de vinculação ansiosa em comparação com o masculino, em linha com a literatura que tem identificado diferenças médias entre sexos nesta dimensão da vinculação, justificadas por uma maior sensibilidade do sexo feminino à luz da evolução social e a uma maior e histórica interdependência emocional da mulher (Del Giudice, 2011; Schmitt et al., 2023).

Na análise referente à idade, verificou-se que participantes mais velhos apresentaram níveis inferiores de vinculação ansiosa e níveis superiores de vinculação segura, não se observando associações significativas com a vinculação evitante. Estes resultados vão ao encontro da literatura que conceptualiza a jovem adultícia como um período marcado por instabilidade e exploração da identidade (Arnett, 2000; Arnett, 2015). Ao nível da experiência de invalidação parental, observou-se, somente, uma associação positiva entre a idade e a experiência de invalidação paterna e negativa com a de validação paterna. Estudos referem que a relação com a figura paterna se revela mais sensível a alterações associadas com a autonomia e a regulação comportamental e mais suscetível a variações na perceção da validação emocional ao longo do tempo (Lamb, 2010). Relativamente ao narcisismo grandioso, não foram observadas associações significativas com a idade. Por outro lado, participantes mais jovens apresentaram níveis superiores de narcisismo hipersensível, mais marcados na hipersensibilidade ao julgamento, corroborando a literatura que aponta para uma maior prevalência destes traços nesta população (Green & Hart, 2024), apesar das diferenças etárias no narcisismo serem inconsistentes ou reduzidas (Grijalva et al., 2015). Estudos consideram que a jovem adultícia se preconiza como uma fase de maior instabilidade identitária e relacional, na qual a autoimagem é sensível à avaliação externa, o que favorece reações de hipersensibilidade (Arnett et al., 2014; Orth et al., 2012; Wetzel et al., 2017)

No que concerne ao diagnóstico psiquiátrico, os participantes com diagnóstico apresentaram níveis superiores de vinculação ansiosa. Ao nível da experiência de invalidação parental, verificou-se maior invalidação materna e menor validação materna neste grupo. Estes resultados devem ser interpretados com cautela, tendo em conta o reduzido número de participantes com diagnóstico na amostra, apesar de irem ao encontro da literatura que tem identificado a invalidação emocional como um fator associado a dificuldades na regulação emocional e psicopatologia na vida adulta (Linehan, 1993; Heleniak et al., 2016). Relativamente ao narcisismo grandioso, apenas a dimensão G/E apresentou diferenças significativas, com valores inferiores no grupo com diagnóstico psiquiátrico. Em contraste, os

participantes com diagnóstico apresentaram níveis superiores de hipersensibilidade ao julgamento e de narcisismo hipersensível total, sugerindo maior vulnerabilidade emocional, em linha com as investigações (Ogrodniczuk, 2023; Pincus et al., 2014).

No que respeita ao estado civil, participantes casados ou em união de facto apresentaram níveis superiores de vinculação segura e inferiores de vinculação ansiosa. À luz da literatura estes resultados podem refletir o facto de existir uma associação entre relações afetivas estáveis e padrões de vinculação mais seguros na idade adulta (Fraley et al., 2011; Mikulincer e Shaver, 2016). O contrário verificou-se com os participantes solteiros a exibirem níveis superiores de vinculação insegura ansiosa e de hipersensibilidade ao julgamento, o que poderá refletir maior vulnerabilidade, estando a hipersensibilidade associada a padrões de vinculação insegura (Mishra & Allen, 2023). No entanto, não se verificaram diferenças em relação às experiências de invalidação e validação parental, indo ao encontro da literatura que menciona que variáveis sociodemográficas estáticas, como o estado civil, apesar de bastante utilizadas em investigação, não constituem um preditor robusto das práticas parentais ou outras variáveis psicológicas (Brummelman et al., 2015; Mikulincer & Shaver, 2007), justificando também o facto de não se terem revelado diferenças estatisticamente significativas no narcisismo grandioso. Estudos da personalidade referem que o narcisismo grandioso se associa sobretudo a processos de socialização na infância, sendo pouco influenciado por circunstâncias sociodemográficas na vida adulta (Brummelman et al., 2015; Miller et al., 2017).

Relativamente ao nível de escolaridade, não se observaram diferenças estatisticamente significativas na vinculação, nas experiências de invalidação e de validação parental. Os resultados vão ao encontro do supramencionado que refere que as variáveis sociodemográficas apresentam um papel limitado na explicação destes construtos, quando comparadas com fatores desenvolvimentais ou relacionais (Brummelman et al., 2015; Mikulincer & Shaver, 2007). Do mesmo modo, não se verificaram diferenças estatisticamente significativas no narcisismo hipersensível, contudo, participantes com menor escolaridade apresentaram níveis superiores de narcisismo grandioso, sobretudo nas dimensões de grandiosidade e exibicionismo. A literatura sobre o desenvolvimento da personalidade sugere que, após a adolescência, as diferenças em traços como o narcisismo tornam-se mais reduzidas, pelo que ocorre uma estabilização reduzida dos padrões de autoavaliação e funcionamento interpessoal (van Schie et al., 2020). Outros estudos referem que, embora o narcisismo possa apresentar variações ao longo da vida, estas são mais evidentes no narcisismo grandioso (Grijalva et al., 2015; Cai et al., 2016). Estes resultados deram resposta

à Q1 e importa salientar que a interpretação dos mesmos deve ser feita com cautela devido à distribuição assimétrica entre os grupos, o que impossibilita a generalização dos mesmos.

Tendo em conta o segundo objetivo de estudo, que pretendeu analisar a associação entre a vinculação, as experiências de invalidação e validação paterna e materna e os traços de narcisismo, em jovens adultos, os resultados encontrados confirmam parcialmente a H3. Os resultados indicaram que a vinculação segura se associou a níveis mais baixos de traços de narcisismo grandioso e hipersensível, enquanto a vinculação ansiosa apresentou associações positivas com os mesmos, corroborando a H3.1. Este padrão é sustentado pela literatura que conceptualiza a vinculação segura como um fator protetor favorecedor do desenvolvimento de um *self* coeso, contrastante com a vinculação ansiosa que pode contribuir para a emergência de traços narcisistas como forma de regular a autoestima (Kealy & Ogrodniczuk, 2023; Zhang et al., 2024). No entanto, a vinculação evitante associou-se a níveis mais baixos de traços de narcisismo, o que pode refletir a complexidade do funcionamento interpessoal destes traços. Estudos anteriores indicam que o narcisismo pode demonstrar uma relação instável com o evitamento por se associar a padrões interpessoais orientados para a obtenção de validação e admiração externa, enquanto padrões evitantes demonstram desconexão emocional e desconforto com a proximidade (Dickinson & Pincus, 2003; Zhang et al., 2024), o que pode justificar o resultado encontrado no presente estudo.

Relativamente às experiências de invalidação e validação parental, os resultados corroboraram parcialmente a H3.2, demonstrando que a validação parental se associou negativamente aos traços de narcisismo, enquanto a invalidação se associou positivamente ao narcisismo grandioso e hipersensível. Este padrão é consistente com os estudos empíricos que destacam o papel da invalidação emocional precoce na dificuldade de integração emocional e no aumento da vulnerabilidade (Adrian et al., Cheavens et al., 2005; Yap et al., 2014). Contrariamente ao esperado, os resultados sugerem que níveis mais elevados de evitamento reportados se relacionam com menos traços de narcisismo. No entanto, apesar deste resultado não refletir a literatura existente (Kealy & Ogrodniczuk, 2023; Zhang et al., 2024), autores referem que maiores níveis de evitamento poderão apresentar menor expressão comportamental destes traços devido à adoção de estratégias de desativação emocional e de retraimento social, características de indivíduos com vinculação evitante (Cassidy & Kobak, 2016; Özbay & Şahin, 2025).

Adicionalmente, a H3.3 foi também parcialmente confirmada, evidenciando que jovens adultos com vinculação segura relatam experiências com maiores níveis de validação parental e menor invalidação, enquanto jovens adultos com vinculação ansiosa apresentam o

inverso, sendo os resultados consistentes com a literatura. Estudos sugerem que a sensibilidade e responsividade parental promovem a segurança na vinculação, ao contrário da invalidação parental que se associa à vinculação ansiosa devido à imprevisibilidade e insensibilidade das respostas parentais (Adrian et al., 2011; Cheavens et al., 2005; Thompson et al., 2022; Yap et al., 2014). Contrariamente ao esperado, participantes com vinculação evitante relataram experiências com menores níveis de invalidação e maiores níveis de validação parental. Tendo em conta as características do estilo evitante, este resultado pode refletir uma minimização das necessidades emocionais e uma tendência para desvalorizar as experiências negativas nas relações próximas ou, por outro lado, uma menor percepção de invalidação em indivíduos com estratégias de distanciamento emocional (Fraley et al., 2011; Mikulincer & Shaver, 2016; Zang et al., 2024).

Relativamente ao terceiro objetivo de estudo, que procurou analisar as diferenças entre os três estilos de vinculação nos traços de narcisismo grandioso em jovens adultos, a H4 foi confirmada. Observou-se que jovens adultos com vinculação segura apresentaram níveis inferiores de narcisismo grandioso, um resultado que se encontra alinhado com a literatura, que associa a segurança no vínculo a um *self* mais estável e com menor necessidade de validação externa (Kealy & Ogrodniczuk, 2023; Zhang et al., 2024). Por outro lado, jovens adultos com vinculação insegura ansiosa e insegura evitante exibiram níveis mais elevados de narcisismo grandioso, sugerindo que estes jovens apresentam uma maior necessidade de aprovação e validação interpessoal, podendo os traços de narcisismo funcionar como uma estratégia de compensatória e regulatória (Kealy & Ogrodniczuk, 2023; Zhang et al., 2024).

Relativamente ao quarto objetivo, que se debruçou sobre a análise de diferenças entre os três estilos de vinculação e as atitudes de invalidação da mãe e do pai, em jovens adultos, os resultados confirmam a H5. Verificaram-se diferenças estatisticamente significativas entre as variáveis, com a vinculação segura a associar-se a menor percepção de invalidação e maior percepção de validação emocional materna e paterna (H5.1 e H5.3), bem como a vinculação insegura (ansiosa e evitante) a associar-se ao inverso (H5.2 e H5.4). Os resultados foram consistentes com a teoria da vinculação, que refere que as representações internas do *self* e das figuras de cuidado influenciam o modo como os indivíduos interpretam as experiências de relação com o Outro, ao longo do desenvolvimento (Fonagy & Luyten, 2009). Mais se reforça a ideia de que experiências de cuidados parentais caracterizadas por invalidação emocional consistente promovem o desenvolvimento de modelos internos inseguros (Fonagy & Luyten, 2009; Moreira & Canavarro, 2020), sendo que Madigan et al. (2024) referem que a validação emocional pode funcionar como um fator protetor do desenvolvimento

socioemocional. No entanto, devido ao carácter retrospectivo do estudo, não é possível estabelecer relações causais entre as variáveis (Rohrer, 2018), sendo plausível a existência de uma relação bidirecional entre a vinculação e a perceção de invalidação/validação, como sugerido por Branje et al. (2011).

No quinto objetivo de estudo procurou-se analisar o contributo da experiência de invalidação parental para a predição dos níveis de narcisismo grandioso, em jovens adultos após controlar o efeito da vinculação. A experiência de invalidação parental, particularmente a de invalidação materna, encontrou-se significativamente associada aos traços de narcisismo grandioso, mesmo quando se controla a vinculação (Q2). Segundo autores, a figura materna tem tendência a assumir um papel frequentemente central nos processos de vinculação e de regulação emocional, através da função de espelhamento, durante a infância, podendo a responsividade desta assumir-se como um preditor robusto da regulação emocional e do funcionamento do *self* (Khaleque & Rohner, 2020; Kohut, 1977). Segundo Kohut (1977). A função de espelhamento é importante, sobretudo na infância, pois permite que a criança se veja através do olhar do outro de modo a construir um sentido estável para si própria, pelo que Eisenberg (1998) refere a mãe como o principal agente de treino emocional. Para além das perspetivas clássicas, a teoria da regulação emocional (Gross, 1998) sugere que experiências precoces de invalidação emocional não afetam só o vínculo, mas conduzem ao desenvolvimento de estratégias compensatórias de regulação emocional, entre as quais a construção de uma imagem grandiosa. Adicionalmente, Rothenberg et al. (2022), mencionam que as mesmas experiências são indicadoras de menor ajustamento psicológico na adolescência e idade adulta, pelo que o modelo sociocognitivo do narcisismo sugere que indivíduos expostos a contextos de menor validação emocional, desenvolvem padrões de autoafirmação e grandiosidade, mantendo uma autoestima instável e dependente da validação externa (Morf & Rhodewalt, 2001). Por fim, este resultado pode também ser explicado pelos modelos atuais de socialização emocional materna, que referem que a invalidação materna está associada a problemas de autorregulação e psicopatologia internalizante e externalizante (Frigioletto et al., 2014).

Por fim, o sexto objetivo pretendeu analisar a experiência de validação emocional por parte de uma das figuras parentais como moderadora da relação entre a experiência de invalidação emocional por parte da outra e a presença de traços de narcisismo grandioso, em jovens adultos. Os resultados do modelo de moderação revelaram-se estatisticamente significativos em ambas as experiências de validação (paterna e materna), sendo que a experiência de validação de uma figura parental moderou a relação entre a experiência de

invalidação da outra figura e a presença de traços de narcisismo (Q3). Os resultados indicaram que a associação entre a experiência de invalidação paterna e materna e narcisismo grandioso é mais forte quando a experiência de validação por parte do outro progenitor é baixa e mais fraca quando a experiência de validação por parte do outro progenitor aumenta, o que pode sugerir um possível efeito protetor da experiência de validação emocional parental. Alguns autores defendem que a organização do *self* resulta da integração de múltiplas experiências de vinculação, reforçando a perspectiva de que o desenvolvimento psicológico resulta da organização de um acumular de relações e não só da relação diádica (Mikulincer & Shaver, 2016). Kaleque e Rohner (2020) referem, no âmbito da *Parental Acceptance-Rejection Theory*, que embora a rejeição ou invalidação parental esteja associada ao desenvolvimento de traços de narcisismo como estratégia compensatória para a regulação da autoestima, a presença de uma relação percebida como validante pode mitigar essa necessidade. Os autores referem as experiências de validação como um possível fator protetor, devido ao seu *buffering effect*, que consiste no efeito amortecedor da validação/aceitação de uma figura parental, de modo a mitigar o efeito da invalidação da outra (Kaleque & Rohner, 2020). A validação e aceitação parental, segundo os autores, é uma necessidade básica do ser humano, independentemente da cultura, sendo que o desenvolvimento socioemocional de cada indivíduo é profundamente influenciado pela percepção de aceitação ou de rejeição (Kaleque e Rohner, 2020). Esta interpretação pode ainda ser complementada pelo estudo da Psicologia do *Self* de Kohut (1977), que sugere que uma das figuras parentais pode funcionar como reparadora durante o desenvolvimento de um *self* coeso, bem como por estudos contemporâneos, que se referem às figuras de vinculação como co-reguladoras emocionais (Gross, 2015; Kealy & Ogrodniczuk, 2023).

Importa salientar algumas limitações no presente estudo. Apesar da amostra ser estatisticamente adequada, trata-se de uma amostra de recolha por conveniência, não sendo passível de generalização de resultados à população de jovens adultos. Ainda, o estudo apresenta um desenho transversal, o que impossibilita o estabelecimento de relações de causalidade entre as variáveis analisadas, permitindo apenas identificar associações entre as mesmas. Possui também um carácter retrospectivo, uma vez que as experiências de validação e invalidação parental foram avaliadas segundo recordações dos participantes, que podem estar sujeitas a vieses de memória (Hardt e Rutter, 2004). Para além disso, a amostra apresenta uma distribuição não equitativa do número de participantes entre os grupos associados às variáveis sociodemográficas. Este desequilíbrio pode influenciar a robustez das análises estatísticas e aumentar o risco de erros tipo II, limitando a capacidade de deteção de

efeitos reais entre as variáveis (Tabachnick & Fidell, 2019). Mais se acrescenta que, o facto de a recolha de dados ter sido realizada em formato *online* implicou menor controlo sobre as condições de aplicação do protocolo, apesar de Ribeiro (1995) ter verificado não existirem diferenças significativas entre aplicações realizadas na presença ou na ausência do investigador, quando se trata de amostras da mesma população.

Outro aspeto importante a referir é o facto de se ter verificado uma correlação positiva e estatisticamente significativa entre o NPI-13 e o HSNS, o que pode ser visto como uma limitação, por poder influenciar a validade divergente e o facto de o HSNS ter sido utilizado, no presente estudo como instrumento complementar ao NPI-13. No entanto, isto pode configurar um resultado teórico relevante, sendo que Pincus e Lukowitsky (2010) argumentam que o narcisismo hipersensível e grandioso não são totalmente independentes, pois ambos partilham um *self* instável e características de grandiosidade do domínio do Antagonismo (APA, 2022; Krizan & Herlache, 2018). Marôco (2014, 2021) também refere que os instrumentos não discriminam de forma totalmente independente os construtos, mas podem indicar sobreposição de medidas, principalmente quando o valor da correlação é moderado ($r=.40$). Neste sentido, os padrões de associação observados entre o narcisismo grandioso e o narcisismo hipersensível revelaram-se consistentes com a literatura e com os pressupostos da Teoria da Vinculação (Kealy & Ogrodniczuk, 2023; Zhang et al., 2024), tendo os participantes do estudo revelado níveis globalmente baixos de narcisismo, nomeadamente o grandioso, e níveis mais elevados de vinculação segura, demonstrando coerência teórica.

Cumulativamente, considera-se importante abordar o facto de a informação relativa ao estado da relação ter sido utilizada apenas para a caracterização da amostra, não tendo sido considerada nas análises subsequentes. Sendo uma variável passível de influenciar determinados indicadores de funcionamento interpessoal e ajustamento psicológico, a sua inclusão nas análises poderia permitir uma compreensão mais abrangente dos resultados (Collins et al, 2009). Ainda assim, as variáveis sociodemográficas consideradas (sexo, idade, nível de escolaridade, estado civil e existência de diagnóstico psiquiátrico) correspondem às mais frequentemente reportadas e controladas na literatura, encontrando-se a abordagem adotada alinhada com as páticas metodológicas da investigação em psicologia (Brunette et al., 2024; O'Bryant et al., 2024)

Outra limitação a considerar prende-se com a utilização de instrumentos cujas subescalas apresentaram níveis de consistência interna reduzidos nos estudos originais, nomeadamente no NPI-13 de Pechorro et al. (2019) e no HSNS de Pereira & Paixão (2019),

sendo que o mesmo se verificou no presente estudo. Isto poderá refletir algumas limitações ao nível da estabilidade das medidas utilizadas. Ainda assim, optou-se pela utilização integral dos instrumentos devido à sua pertinência teórica e adequação aos objetivos de estudo. De acordo com Tavakol e Dennick (2011), valores de alfa de *Cronbach* mais baixos podem refletir a heterogeneidade dos itens e um mau desempenho da escala, sendo que também Marôco (2021) refere escalas com menos itens tendem a ter menor consistência interna, mesmo quando bem elaboradas.

Os resultados do presente estudo devem ser interpretados com cautela, considerando que a relação entre as variáveis poderá variar em função de fatores contextuais, familiares e individuais não contemplados no estudo. Importa salientar que os presentes dados estatísticos funcionam como inferenciais, uma vez que a investigação científica não produz uma evidência absoluta, mas sim aproximações à realidade (Fortin, 2009).

Apesar das limitações supramencionadas, o presente estudo apresenta diversos contributos relevantes. Em primeiro lugar, contribui para a compreensão conjunta de fatores relacionais associados aos traços de narcisismo na jovem adultícia, que muitas vezes são analisados de forma isolada, nomeadamente a vinculação e a experiência de invalidação parental. Em segundo lugar, este estudo diferencia as experiências de validação e invalidação emocional com a figura materna e paterna, permitindo uma análise, mais aprofundada do papel específico de cada figura parental no desenvolvimento dos traços de narcisismo. Destaca-se ainda, como novidade, a análise do efeito moderador da experiência de validação emocional por parte de uma figura parental na relação entre a experiência de invalidação por parte da outra e os traços de narcisismo, contribuindo para a compreensão de potenciais efeitos protetores envolvidos no desenvolvimento emocional do jovem adulto.

Adicionalmente, o estudo não se restringiu à conceptualização tradicional do narcisismo grandioso, incluiu também a sua dimensão hipersensível, o que permitiu uma análise mais abrangente e consistente. Por fim, este estudo contribui para colmatar a escassez de investigação no contexto português sobre a articulação entre a vinculação, as experiências de invalidação, de validação parental e os traços de narcisismo.

Futuras investigações poderão beneficiar da utilização de metodologias longitudinais e multimétodo, de forma a obter uma perspetiva mais abrangente da subjetividade por detrás dos processos associados à vinculação, à invalidação e ao narcisismo. Seria igualmente relevante replicar o estudo com uma amostra de maior dimensão e explorar diferentes variáveis potencialmente moderadoras das relações encontradas, nomeadamente o contexto sociocultural e a presença de outras figuras ou relações compensatórias. Também seria

pertinente o estudo deste fenómeno em diferentes géneros e configurações familiares, nomeadamente nas menos tradicionais e cada vez mais atuais (monoparentais, reconstituídas, homoparentais, adotivas e outras configurações contemporâneas) e a análise dos traços de narcisismo associados a diferentes ACEs (*Adverse Childhood Experiences*). Por fim, sugere-se um estudo mais aprofundado sobre as diferenças entre o narcisismo grandioso e hipersensível, bem como uma análise mais detalhada da vinculação evitante e dos processos de desativação emocional ao longo do desenvolvimento.

O presente estudo apresenta importantes implicações para a prática clínica e da saúde psicológica, pelo que não se limita a demonstrar associações teóricas, identifica também fatores potencialmente modificáveis (vinculação e experiências de invalidação ou validação parental) que podem ser relevantes para a prevenção e intervenção psicológica. Reforça, deste modo, a importância de intervenções precoces junto das famílias e a relevância de potenciar recursos relacionais significativos durante os processos de intervenção, sugerindo que a presença de pelo menos uma figura parental validante pode funcionar como um fator protetor, amortecendo possíveis impactos negativos no desenvolvimento do indivíduo, mesmo em contextos de experiências adversas. Estes resultados poderão contribuir para o desenvolvimento de programas de prevenção focados na parentalidade positiva, na promoção da regulação emocional e no fortalecimento de vínculos seguros, com potencial de redução de dificuldades interpessoais e emocionais, nomeadamente associadas aos traços narcisistas.

Conclusão

Apesar da investigação sobre o narcisismo se verificar extensa a nível internacional, existem lacunas na compreensão dos processos de relação e desenvolvimentais, consequência da dificuldade em investigar mais aprofundadamente um construto tão complexo e difícil de aceder em contexto de prática clínica. Neste sentido, torna-se imperativo aprofundar este tema de investigação, tão pouco explorado, especialmente num contexto social caracterizado por mudanças rápidas nos padrões de relacionamento e padrões familiares, que podem influenciar os processos de vinculação e o desenvolvimento a nível psicológico.

O presente estudo constitui um contributo pertinente para aprofundar a compreensão das dinâmicas que acompanham o desenvolvimento do jovem adulto e colmatar lacunas existentes no contexto português, relativamente ao narcisismo e às suas nuances. Neste sentido, os resultados fornecem informação importante para a psicologia do desenvolvimento, para a psicologia familiar e no âmbito da psicopatologia e do estudo da personalidade, assumindo utilidade para a prática clínica.

Os resultados obtidos permitiram concluir que a vinculação, as experiências de invalidação/validação parental e os traços de narcisismo em jovens adultos portugueses, se encontram significativamente associados. A vinculação insegura, bem como a invalidação parental, encontraram-se significativamente associadas a níveis mais elevados de narcisismo grandioso e hipersensível. Verificou-se ainda que a experiência de validação emocional parental se associou à vinculação segura e menores níveis de narcisismo, o que permitiu confirmar as hipóteses formuladas, ainda que parcialmente. Além do mencionado, os resultados confirmaram diferenças em função do sexo e da idade ao nível dos estilos de vinculação e do narcisismo hipersensível. De modo complementar, verificou-se que a experiência de invalidação materna teve um papel preditivo significativo no narcisismo grandioso, mesmo após controlo do efeito da vinculação. Foi, igualmente, encontrado um efeito moderador da validação parental de uma das figuras parentais, entre a invalidação da outra e o narcisismo grandioso.

Em suma, os resultados do presente estudo, sugerem que a vinculação e a experiência de invalidação/validação emocional, bem como os traços de narcisismo se correlacionam, que a vinculação insegura e a invalidação parental predizem os traços de narcisismo e que a experiência de validação por parte de uma das figuras parentais modera o efeito da invalidação parental da outra na presença desses mesmos traços. Pode-se, portanto concluir que, no presente estudo, experiências de vinculação segura e de validação emocional parental funcionam como fatores protetores, enquanto experiências de insegurança na vinculação e de invalidação emocional, por parte das figuras parentais, tornam o jovem adulto vulnerável ao desenvolvimento de traços de narcisismo. Adianta-se que, apesar de não ser possível estabelecer relações de causalidade devido à natureza do estudo, os resultados contribuem de forma relevante para a investigação nacional relacionada com o narcisismo ou com o estudo da personalidade. Apesar deste tema ser ainda pouco explorado no contexto português, os estudos existentes a nível nacional e internacional, corroboram padrões evidenciados nos resultados.

Referências

- Adrian, M., Zeman, J., Erdley, C., Lisa, L. & Sim, L. (2011). Emotional dysregulation and interpersonal difficulties as risk factors for nonsuicidal self-injury in adolescent girls. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 39(3), 389–400.
<https://doi.org/10.1007/s10802-010-9465-3>
- Ainsworth, M., Blehar, M., Waters, E. & Wall, S. (1978). Patterns of attachment: A psychological study of the strange situation. *Lawrence Erlbaum Associates*.
- Alavi, M., Visentin, D., Thapa, D., Hunt, G., Watson, R. & Cleary, M. (2020). Chi-square for model fit in confirmatory factor analysis. *Journal of Advanced Nursing*, 76(9), 2209–2211. Portico. <https://doi.org/10.1111/jan.14399>
- Antunes, E., Simões, R., Amaral, I., & M. Flores, A. (2025). Género e auto-rastreio: a utilização de smartphones por jovens em idade adulta em Portugal. *Ex Aequo - Revista Da Associação Portuguesa De Estudos Sobre As Mulheres*, 49, 141–160.
<https://doi.org/10.22355/exaequo.2024.49.10>
- Arnett, J. (2000). Emerging adulthood: A theory of development from the late teens through the twenties. *American Psychologist*, 55(5), 469–480. <https://doi.org/10.1037//0003-066x.55.5.469>
- Arnett, J. (2015). Emerging adulthood: The winding road from the late teens through the twenties (2). *Oxford University Press*.
<https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780199929382.001.0001>
- Arnett, J. (2023). Emerging adulthood: The winding road from the late teens through the twenties (3). *Oxford University Press*.
<https://doi.org/10.1093/oso/9780197695937.001.0001>
- Bachelard, G. (1993). *A poética do espaço*. Martins Fontes.
- Back, M., Küfner, A., Dufner, M., Gerlach, T., Rauthmann, J. & Denissen, J. (2013). Narcissistic admiration and rivalry: Disentangling the bright and dark sides of narcissism. *Journal of Personality and Social Psychology*, 105(6), 1013–1037.
<https://doi.org/10.1037/a0034431>
- Bleidorn, W., Hopwood, C., Ackerman, R., Denissen, J., Geukes, K., Lucas, R., van Scheppingen, M., Sosa, S., & Zimmermann, J. (2024). Toward a theory of lifespan personality trait development. *Perspectives on Psychological Science*, 19(1), 238–257. <https://doi.org/10.1146/annurev-devpsych-010923-101709>
- Bowlby, J. (1969). *Attachment and loss: Vol. I. Attachment*. Basic Books.

- Bowlby, J. (1982). *Attachment and loss: Vol. I. Attachment*. Basic Books (2). (Original work published 1969).
- Branje, S., Keijsers, L., van doorn, M., & Meeus, W. (2011). Interpersonal and Intrapersonal Processes in Development of Relationships in Adolescence. *Relationship pathways: From adolescence to young adulthood*. 257–276. Sage Thousand Oaks.
<https://doi.org/10.4135/9781452240565.n12>
- Brennan, K., Clark, C. & Shaver, P. (1998). Self-report measurement of adult attachment: An integrative overview. In J. A. Simpson & W. S. Rholes (Eds.), *Attachment theory and close relationships* (pp. 46–76). Guilford Press. <https://doi.org/10.1037/t23266-000>
- Brummelman, E., Thomaes, S., Nelemans, S., Orobio de Castro, B. & Bushman, B. (2015). Parental Overvaluation Scale [dataset]. In PsycTESTS Dataset. *American Psychological Association (APA)*. <https://doi.org/10.1037/t40625-000>
- Brunell, A., Gentry, W., Campbell, W., Hoffman, B., Kuhnert, K. & DeMarree, K. (2008). Leader Emergence: The Case of the Narcissistic Leader. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 34(12), 1663–1676. <https://doi.org/10.1177/0146167208324101>
- Byrne, B. (2000). Structural Equation Modeling With AMOS: Basic Concepts, Applications, and Programming (1st ed.). Psychology Press.
<https://doi.org/10.4324/9781410600219>
- Cain, N., Pincus, A. & Ansell, E. (2008). Narcissism at the crossroads: Phenotypic description of pathological narcissism across clinical theory, social/personality psychology, and psychiatric diagnosis. *Clinical Psychology Review*, 28(4), 638–656.
<https://doi.org/10.1016/j.cpr.2007.09.006>
- Campbell, J. & Foster, J. (2007). Narcissism and romantic attraction. *Journal of Personality and Social Psychology*, 93(3), 483–499. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.93.3.483>
- Canavarro, M. (1997). *Relações afetivas ao longo do ciclo de vida e saúde mental*. [Tese de doutoramento não publicada, Universidade de Coimbra]. Estudo Geral.
- Canavarro, M., Dias, P. & Lima, V. (2006). A avaliação da vinculação do adulto: Uma revisão crítica a propósito da aplicação da Adult Attachment Scale-R (AAS-R) na população portuguesa. *Psicologia*, 20(1), 11–36. <http://dx.doi.org/10.17575/rpsicol.v20i1.381>
- Chaplin, T., Cole, P. & Zahn-Waxler, C. (2005). Parental socialization of emotion expression: Gender differences and relations to child adjustment. *Emotion*, 5(1), 80–88.
<https://doi.org/10.1037/1528-3542.5.1.80>
- Cheavens, J., Rosenthal, M., Daughters, S., Nowak, J., Kosson, D., Lynch, T. & Lejuez, C. (2005). An analogue investigation of the relationships among perceived parental

- criticism, negative affect, and borderline personality disorder features: The role of thought suppression. *Behaviour Research and Therapy*, 43(2), 257–268.
<https://doi.org/10.1016/j.brat.2004.01.006>
- Cigoli, V., & Scabini, E. (2006). Family identity: Ties, symbols, and transitions (1st Ed.). Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781410617712>
- Cohen, J. (1992) A power primer. *Psychological Bulletin*, 112(1), 155–159.
<https://doi.org/10.1037/0033-2909.112.1.155>
- Collins, A., Welsh, D., & Furman, W. (2009). Adolescent Romantic Relationships. *Annual Review Psychology*, 60, 631–652.
<https://doi.org/10.1146/annurev.psych.60.110707.163459>
- Collins, N. & Read, S. (1990). Adult attachment, working models, and relationship quality in dating couples. *Journal of Personality and Social Psychology*, 58(4), 644–663.
<https://doi.org/10.1037/0022-3514.58.4.644>
- Coretto, P. & Hennig, C. (2016). Robust Improper Maximum Likelihood: Tuning, Computation, and a Comparison With Other Methods for Robust Gaussian Clustering. *Journal of the American Statistical Association*, 111(516), 1648–1659.
<https://doi.org/10.1080/01621459.2015.1100996>
- DeLoretta, L. & Davis, E. (2024). Convergent and divergent parental emotion socialization processes shape children’s emotional responding. *Social Development*, 33(3). Portico.
<https://doi.org/10.1111/sode.12739>
- Dickinson, K. & Pincus, A. (2003). Interpersonal Analysis of Grandiose and Vulnerable Narcissism. *Journal of Personality Disorders*, 17(3), 188–207.
<https://doi.org/10.1521/pedi.17.3.188.22146>
- Dimaggio, G., Salvatore, G. & Semerari, A. (2023). Narcissism and the self: Psychodynamic perspectives. *Journal of Personality Disorders*, 37(2), 145–162.
<https://doi.org/10.1521/pedi.2023.37.3.337>
- Dinis, A. & Gouveia, J. (2011). Desenvolvimento de um Questionário de Experiências de (In) Validação Emocional na Família. *Psychologica*, 54, 139–174.
https://doi.org/10.14195/1647-8606_54_6
- Doinita, N. & Nijloveanu, M. (2015). Attachment and Parenting Styles. *Procedia – Social and Behavioral Sciences*, 203, 199–204. <https://doi.org/10.1016/j.sbspro.2015.08.282>
- Edershile, E., Szücs, A., Dombrovski, A. & Wright, A. (2023). Dynamics of narcissistic grandiosity and vulnerability in naturalistic and experimental settings. PsyArXiv.
<https://doi.org/10.31234/osf.io/79e6m>

- Eisenberg, N., Cumberland, A. & Spinrad, T. (1998). parental socialization of emotion. *Psychological Inquiry*, 9(4), 241–273.
https://doi.org/10.1207/s15327965pli0904_1
- Eisenberg, N., Spinrad, T. & Eggum, N. (2010). Emotion-related self-regulation and its relation to children's maladjustment. *Annual Review of Clinical Psychology*, 6, 495–525. <https://doi.org/10.1146/annurev.clinpsy.121208.131208>
- Erikson, E. (1968). *Identity: Youth and crisis*. Norton & Company.
- Farina, B., Liotti, M., & Imperatori, C. (2019). The role of attachment trauma and disintegrative pathogenic processes in the traumatic-dissociative dimension. *Frontiers in Psychology*, 10, 933. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2019.00933>
- Faul, F., Erdfelder, E., Buchner, A., & Lang, A. (2009). Statistical power analyses using G*Power 3.1: Tests for correlation and regression analyses. *Behavior Research Methods*, 41, 1149–1160. <https://doi.org/10.3758/BRM.41.4.1149>
- Faul, F., Erdfelder, E., Lang, A. & Buchner, A. (2007). G*Power 3: A flexible statistical power analysis program for the social, behavioral, and biomedical sciences. *Behavior Research Methods*, 39, 175–191. <https://doi.org/10.3758/BF03193146>
- Fonagy, P. & Luyten, P. (2009). A developmental, mentalization-based approach to the understanding and treatment of borderline personality disorder. *Development and Psychopathology*, 21(4), 1355–1381. <https://doi.org/10.1017/s0954579409990198>
- Fonagy, P., Gergely, G., Jurist, E. & Target, M. (2002). Affect regulation, mentalization, and the development of the Self. Other Press. <https://doi.org/10.4324/9780429471643>
- Fortin, M. (2009). *Fundamentos e etapas do processo de investigação*. Lusodidacta.
- Fraley, R. & Shaver, P. (2000). Adult romantic attachment: Theoretical developments, emerging controversies, and unanswered questions. *Review of General Psychology*, 4(2), 132–154. <https://doi.org/10.1037/1089-2680.4.2.132>
- Fraley, R., Heffernan, M., Vicary, A., & Brumbaugh, C. (2011). The experiences in close relationships–Relationship Structures Questionnaire: A method for assessing attachment orientations across relationships. *Psychological Assessment*, 23(3), 615–625. <https://doi.org/10.1037/a0022898>
- Freud, S. (1914). On narcissism: An introduction. In J. Strachey (Ed. & Trans.), *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud*, 14, 67–102. Hogarth Press.
- Frigoletto, O., Byrd, A., Vine, V., Vanwoerden, S., Zalewski, M., & Stepp, S. (2024). Internalizing and Externalizing Problems Among At-Risk Preschoolers: The

- Mediating Role of Maternal Invalidation. *Child psychiatry and human development*, 55(3), 841–850. <https://doi.org/10.1007/s10578-022-01431-7>
- Gentile, B., Miller, J., Hoffman, B., Reidy, D., Zeichner, A. & Campbell, W. (2013). A test of two brief measures of grandiose narcissism: The Narcissistic Personality Inventory–13 and the Narcissistic Personality Inventory-16. *Psychological Assessment*, 25(4), 1120–1136. <https://doi.org/10.1037/a0033192>
- Green, A. & Hart, C. (2024). Gendering narcissism: Different roots and different routes to intimate partner violence. *Sex Roles*, 90(3), 193–207. <https://doi.org/10.1007/s11199-024-01471-4>
- Grijalva, E., Newman, D., Tay, L., Donnellan, M., Harms, P., Robins, R., & Yan, T. (2015). Gender differences in narcissism: A meta-analytic review. *Psychological Bulletin*, 141(2), 261–310. <https://doi.org/10.1037/a0038231>
- Gross, J. (1998). The Emerging Field of Emotion Regulation: An Integrative Review. *Review of General Psychology*, 2(3), 271–299.
- Gross, J. (2015). Emotion Regulation: Current Status and Future Prospects. *Psychological Inquiry*, 26(1), 1–26. <https://doi.org/10.1080/1047840X.2014.940781>
- Hair, J., Black, W., Babin, B. & Anderson, R. (2009) *Multivariate Data Analysis* (17th Ed.). Prentice Hall.
- Hardt, J. and Rutter, M. (2004). Validity of adult retrospective reports of adverse childhood experiences: review of the evidence. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 45(2), 260-273. <https://doi.org/10.1111/j.1469-7610.2004.00218.x>
- Hazan, C. & Shaver, P. (1987). Romantic love conceptualized as an attachment process. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52(3), 511–524. <https://doi.org/10.1037//0022-3514.52.3.511>
- Heleniak, C., Jenness, J., Vander Stoep, A., McCauley, E. & McLaughlin, K. (2016). Childhood maltreatment exposure and disruptions in emotion regulation: A transdiagnostic pathway to adolescent internalizing and externalizing psychopathology. *Cognitive Therapy and Research*, 40(3), 394–415. <https://doi.org/10.1007/s10608-015-9735-z>
- Hendin, H. & Cheek, J. (1997). Assessing hypersensitive narcissism: A re-examination of Murray's Narcism Scale. *Journal of Research in Personality*, 31(4), 588–599. <https://doi.org/10.1006/jrpe.1997.2204>

- Hoerger, M., Quirk, S., & Weed, N. (2011). Development and validation of the Delaying Gratification Inventory. *Psychological Assessment*, 23(3), 725–738. <https://doi.org/10.1037/a0023286>
- Jones, J., Cassidy, J. & Shaver, P. (2015). Parents self-reported attachment styles: A review of links with parenting behaviors, emotions, and cognitions. *Personality and Social Psychology Review*, 19(1), 44–76. <https://doi.org/10.1177/1088868314541858>
- Kealy, D., Ogrodniczuk, J. (2023). Attachment insecurity and dysfunctional identity as contributors to pathological narcissism, and mediators of adverse parenting. *Discover Psychology* 3, 43. <https://doi.org/10.1007/s44202-023-00109-y>
- Khaleque, A., & Rohner, R. (2002). Perceived Parental Acceptance-Rejection and Psychological Adjustment: A Meta-Analysis of Cross-Cultural and Intracultural Studies. *Journal of Marriage and Family*, 64(1), 54–64. <https://doi.org/10.1080/10926771.2020.1725140>
- Kline, R. (1998). *Principles and practice of structural equation modeling*. Guildford Press.
- Kohut, H. (1971). *The analysis of the self: A systematic approach to the psychoanalytic treatment of narcissistic personality disorders*. New York, NY: International Universities Press.
- Krizan, Z. & Herlache, A. (2017). The Narcissism Spectrum Model: A Synthetic View of Narcissistic Personality. *Personality and Social Psychology Review*, 22(1), 3–31. <https://doi.org/10.1177/1088868316685018>
- Lapsley D. & Aalsma M. (2006). An empirical typology of narcissism and mental health in late adolescence. *Journal of Adolescence*, 29(1), 53–71. <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2005.01.008>
- Laureano, R. (2022). *Testes de hipóteses com o SPSS statistics: O meu manual de consulta rápida* (3.^a ed.). Edições Sílabo.
- Leijten, P., Raaijmakers, M., Wijngaards, L., Matthys, W., Menting, A., Hemink-van Putten, M. & Castro, B. (2018). Understanding who benefits from parenting interventions for children’s conduct problems: an integrative data analysis. *Prevention Science*, 19(4), 579–588. <https://doi.org/10.1007/s11121-018-0864-y>
- Linehan, M. (1993). *Cognitive-behavioral treatment of borderline personality disorder*. Guilford Press.
- Lubiewska, K. & Van de Vijver, F. (2020). Attachment categories or dimensions: The Adult Attachment Scale across three generations in Poland. *Journal of Social and Personal Relationships*, 37(6), 1769–1793. <https://doi.org/10.1177/0265407519860594>

- Madigan, S., Deneault, A., Duschinsky, R., Bakermans-Kranenburg, M., Schuengel, C., van IJzendoorn, M., Ly, A., Fearon, R., Eirich, R. & Verhage, M. (2024). Maternal and paternal sensitivity: Key determinants of child attachment security examined through meta-analysis. *Psychological Bulletin*, 150(7), 839–872.
<https://doi.org/10.1037/bul0000433>
- Main, M. & Solomon, J. (1990). Procedures for identifying infants as disorganized/disoriented during the Ainsworth Strange Situation. *Attachment in the preschool years: Theory, Research, and Intervention*. 121–160. University of Chicago Press.
- Main, M., Kaplan, N. & Cassidy, J. (1985). Security in infancy, childhood, and adulthood: A move to the level of representation. *Monographs of the Society for Research in Child Development*, 50(1/2), 66–104. <https://doi.org/10.2307/3333827>
- Marôco, J. (2021). *Análise estatística com o SPSS statistics* (8.^a Ed.). ReportNumber.
- McCrae, R. & Costa, P. (2008). The five-factor theory of personality. In O. John, R. Robins, & L. Pervin (Eds.), *Handbook of personality: Theory and research*, 2, 159–181. The Guilford Press.
- McIntosh, J., Doan, S., St. Clair, M., Yap, M. & Nicholson, J. (2024). Infant and preschool attachment, continuity and relationship to caregiving sensitivity: Findings from a new population-based Australian cohort. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*. Advance online publication. <https://doi.org/10.1111/jcpp.13865>
- McKinney C., Rogers M., Stearns M. & Steele E. (2024). Family functioning profiles in emerging adults: Associations with personal and parental psychological problems. *Child Psychiatry Hum Development*, 55, 954–962. <https://doi.org/10.1007/s10578-022-01459-9>
- Mikulincer, M. & Shaver, P. (2016). *Attachment in adulthood*. Guilford Press.
- Mikulincer, M. & Shaver, P. (2019). Attachment orientations and emotion regulation. *Current Opinion in Psychology*, 25, 6–10. <http://dx.doi.org/10.1016/j.copsyc.2018.02.006>
- Miller, J. & Campbell, W. (2008). Comparing clinical and social-personality conceptualizations of narcissism. *Journal of Personality*, 76(3), 449–476.
<https://doi.org/10.1111/j.1467-6494.2008.00492.x>
- Miller, J., Hoffman, B., Gaughan, E., Gentile, B., Maples, J. & Campbell, W. (2011). Grandiose and vulnerable narcissism: A nomological network analysis. *Journal of Personality*, 79(5), 1013–1042. <https://doi.org/10.1111/j.1467-6494.2010.00711.x>

- Miller, J., Lynam, D., Hyatt, C. & Campbell, W. (2017). Controversies in Narcissis. *Annual Review of Clinical Psychology*, 7(13), 291–315. <https://doi.org/10.1146/annurev-clinpsy-032816-045244>
- Minuchin, S. (1974). *Families and Family Therapy*. Harvard University Press.
<http://dx.doi.org/10.4159/9780674041127>
- Mishra, M. & Allen, M. (2023). Rejection sensitivity and romantic relationships: A systematic review and meta-analysis. *Personality and Individual Differences*, 208, 112–186, <https://doi.org/10.1016/j.paid.2023.112186>
- Morf, C., & Rhodewalt, F. (2001). Unraveling the Paradoxes of Narcissism: A Dynamic Self-Regulatory Processing Model. *Psychological Inquiry*, 12(4), 177–196.
https://doi.org/10.1207/S15327965PLI1204_1
- Mountford, V., Corstorphine, E., Tomlinson, S. & Waller, G. (2007). Development of a measure to assess invalidating childhood environments in eating disorder patients. *Eating Behaviors*, 8(1), 48–58. <https://doi.org/10.1016/j.eatbeh.2006.01.003>
- Nelson, L., Padilla-Walker, L. & McLean, R. (2020). Longitudinal predictors of helicopter parenting in emerging adulthood. *Emerging Adulthood*, 9(3), 240–251. <https://doi.org/10.1177/2167696820931980>
- Notsu, H., Hatano, K., & Shibuya, K. (2024). An updated meta-analysis of the relation between adult attachment style and working alliance. *Psychotherapy Research*, 35(5), 721–734. <https://doi.org/10.1080/10503307.2024.2370344>
- Oberleiter, S., Stickel, P. & Pietschnig, J. (2024). A farewell to the narcissism epidemic? A cross-temporal meta-analysis of global NPI scores (1982–2023). *Journal of Personality*. Portico. <https://doi.org/10.1111/jopy.12982>
- O'Bryant, S., O'Jile, J., & McCaffrey, R. (2004). Reporting of demographic variables in neuropsychological research: trends in the current literature. *The Clinical neuropsychologist*, 18(2), 229–233. <https://doi.org/10.1080/13854040490501439>
- Olson, C. (1979). Practical considerations in choosing a MANOVA test statistic. *Psychological Bulletin*, 86(6), 1350–1352. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.86.6.1350>
- Ordem dos Psicólogos Portugueses. (2019). *Pareceres da Comissão de Ética da Ordem dos Psicólogos Portugueses* (1.^a ed.). Ordem dos Psicólogos Portugueses.
- Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico. (2024). *A sociedade em resumo 2024: Indicadores sociais da OCDE*. <https://doi.org/10.1787/918d8db3-en>

- Orth, U., Robins, R., & Widaman, K. (2012). Life-span development of self-esteem and its effects on important life outcomes. *Journal of Personality and Social Psychology*, 102(6), 1271–1288. <https://doi.org/10.1037/a0025558>
- Otway, L. & Vignoles, V. (2006). Childhood recollections measure [dataset]. In PsycTESTS Dataset. *American Psychological Association (APA)*. <https://doi.org/10.1037/t18294-000>
- Özbay, A., & Kocacık Şahin, Ö. (2025). The Relationship Between Adult Attachment Styles and Emotion Dysregulation with Fragile and Grandiose Narcissism. *Psychological Reports*, 0(0). <https://doi.org/10.1177/0033294125136390>
- Paulhus, D., & Vazire, S. (2007). The self-report method. In R. W. Robins, R. C. Fraley, & R. F. Krueger (Eds.), *Handbook of Research Methods in Personality Psychology*. 224–239. The Guilford Press.
- Pechorro, P., Nunes, C., Gonçalves, R., Simões, M. & Oliveira, J. (2019). Estudo de validação do Inventário de Personalidade Narcísica – 13 numa amostra escolar de jovens portugueses. *Revista Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación – e Avaliação Psicológica*, 50(4). 71–81. <https://doi.org/10.21865/ridep50.1.06>
- Pereira, C., & Paixão, R. (2019). Estrutura fatorial da versão portuguesa da Escala de Narcisismo Hipersensível. *Revista Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación – e Avaliação Psicológica*, 53(4), 19–31. <https://doi.org/10.21865/ridep53.4.02>
- Pestana, M. & Gageiro, J. (2008). *Análise de dados para ciências sociais: A complementaridade do SPSS* (5.ª Ed.). Edições Sílabo.
- Pincus, A. & Lukowitsky, M. (2010). Pathological narcissism and narcissistic personality disorder. *Annual Review of Clinical Psychology*, 6(1), 421–446. <https://doi.org/10.1146/annurev.clinpsy.121208.131215>
- Pincus, A., Cain, N. & Wright, A. (2014). Narcissistic grandiosity and narcissistic vulnerability in psychotherapy. *Personality Disorders: Theory, Research, and Treatment*, 5(4), 439–443. <https://doi.org/10.1037/per0000031>
- Raskin, R. & Hall, C. (1979). A narcissistic personality inventory. *Psychological Reports*, 45(2), 590. <https://doi.org/10.2466/pr0.1979.45.2.590>
- Raskin, R., & Terry, H. (1988). A principal-components analysis of the Narcissistic Personality Inventory and further evidence of its construct validity. *Journal of Personality and Social Psychology*, 54, 890–902. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.54.5.89>

- Rohmann, E., Brailovskaia, J. & Bierhoff, H. (2019). The framework of self-esteem: Narcissistic subtypes, positive/negative agency, and self-evaluation. *Current Psychology*, 40(10), 4843–4850. <https://doi.org/10.1007/s12144-019-00431-6>
- Rohrer J. (2018). Thinking Clearly About Correlations and Causation: Graphical Causal Models for Observational Data. *Advances in Methods and Practices in Psychological Science*. 1(1), 27–42. <https://doi.org/10.1177/2515245917745629>
- Ronningstam, E. (2010). Narcissistic personality disorder: A current review. *Current Psychiatry Reports*, 12(1), 68–75. <https://doi.org/10.1007/s11920-009-0084-z>
- Rothenberg, W., Hussong, A., & Chassin, L. (2018). Intergenerational continuity in high-conflict family environments: Investigating a mediating depressive pathway. *Developmental psychology*, 54(2), 385–396. <https://doi.org/10.1037/dev0000419>
- Saint-Exupéry, A. (2020). *O Príncipezinho* (8.^a ed., Trad. M. do Carmo Ferreira), 5. Editorial Presença.
- Saraiva, L. & Matos, P. (2012). Separation-individuation of Portuguese emerging adults in relation to parents and to the romantic partner. *Journal of Youth Studies*, 15(4), 499–517. <https://doi.org/10.1080/13676261.2012.663889>
- Sebastião, R., Neto, D. & Silva, A. (2023). Recalled parental emotion socialization and psychological distress: The role of emotional schemas. *Psychological Reports*. <https://doi.org/10.1177/00332941231204304>
- Shipman, K. & Zeman, J. (2001). Socialization of children's emotion regulation in mother–child dyads: A developmental psychopathology perspective. *Development and Psychopathology*, 13(2), 317–336. <https://doi.org/10.1017/s0954579401002073>
- Soares, I., Fonseca, M., & Martins, C. (2014). Estilos de vinculação, orientação para o trabalho e relações profissionais. *Psicologia*, 20(1), 187–208. <https://doi.org/10.17575/rpsicol.v20i1.382>
- Sroufe, L. (2005). Attachment and development: A prospective, longitudinal study from birth to adulthood. *Attachment & Human Development*, 7(4), 349–367. <https://doi.org/10.1080/14616730500365928>
- Tabachnick, B. & Fidell, L. (2019). *Using multivariate statistics* (7th ed.). Pearson
- Tereno, S., & Matos, I. (2017). *Contributos da teoria da vinculação para a prática clínica desenvolvimental*. *Análise Psicológica*, 35(4), 513–529. <https://doi.org/10.14417/ap.1115>

- Thompson, R., Simpson, J. & Berlin, L. (2022). Taking perspective on attachment theory and research: Nine fundamental questions. *Attachment & Human Development*, 24(5), 543–560. <https://doi.org/10.1080/14616734.2022.2030132>
- van Schie, C., Jarman, H., Huxley, E. & Grenyer, B. (2020). Narcissistic traits in young people: understanding the role of parenting and maltreatment. *Borderline Personality Disorder and Emotional Dysregulation*, 7, 10 (2020). <https://doi.org/10.1186/s40479-020-00125-7>
- Wang, K., Lin, B.-B., Huang, Y. & Zhang, X. (2024). Pathways from parental alienation to adolescent problem behaviors: A longitudinal study of parent-child attachment and emotion regulation. *Children and Youth Services Review*, 172, 108–209. <https://doi.org/10.1016/j.childyouth.2025.108209>
- Weidmann, R., Chopik, W., Ackerman, R., Allroggen, M., Bianchi, E., Brecheen, C., Campbell, W., Gerlach, T., Geukes, K., Grijalva, E., Grossmann, I., Hopwood, C., Hutteman, R., Konrath, S., Küfner, A., Leckelt, M., Miller, J., Penke, L., Pincus, A., . . . Back, M. (2023). Age and gender differences in narcissism: A comprehensive study across eight measures and over 250,000 participants. *Journal of Personality and Social Psychology*, 124(6), 1277–1298. <https://doi.org/10.1037/pspp0000463>
- Wetzel, E., Brown, A., Hill, P., Chung, J., Robins, R., & Roberts, B. (2017). The Narcissism Epidemic Is Dead; Long Live the Narcissism Epidemic. *Psychological Science*, 28(12), 1833–1847.
- Wetzel, E., Grijalva, E., Robins, R. & Roberts, B. (2020). You're still so vain: Changes in narcissism from young adulthood to middle age. *Journal of Personality and Social Psychology*, 119(2), 479–496. <https://doi.org/10.1037/pspp0000266>
- World Medical Association (2013). World Medical association Declaration of Helsinki: ethical principles for medical research involving human subjects. *JAMA*, 310(20), 2191–2194. <https://doi.org/10.1001/jama.2013.281053>
- Yap, M., Pilkington, P., Ryan, S. & Jorm, A. (2014). Parental factors associated with depression and anxiety in young people: A systematic review and meta-analysis. *Journal of Affective Disorders*, 156, 8–23. <https://doi.org/10.1016/j.jad.2013.11.007>
- Zacarés, J. & Serra, E. (2011). Explorando el territorio del desarrollo adulto: la clave de la generatividad. *Culture and Education*, 23(1), 75–88. <https://doi.org/10.1174/113564011794728533>
- Zajenkowski, M., Witowska, J., Maciantowicz, O. & Malesza, M. (2016). Vulnerable past, grandiose present: The relationship between vulnerable and grandiose narcissism,

time perspective and personality. *Personality and Individual Differences*, 98, 102–106. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2016.03.092>

Zimmer-Gembeck, M., Rudolph, J., Kerin, J. & Bohadana-Brown, G. (2022). Parent emotion dysregulation and emotion socialization with children and adolescents: A meta-analytic review. *International Journal of Behavioral Development*, 46(2), 63–82. <https://doi.org/10.1177/01650254211051086>

Zimmermann, P. & Iwanski, A. (2014). Emotion regulation from early adolescence to emerging adulthood and middle adulthood: Age differences, gender differences, and emotion-specific developmental variations. *International Journal of Behavioral Development*, 38(2), 182–194. <https://doi.org/10.1177/0165025413515405>

Anexos

Anexo A. Cronograma (2025/2026)

[illegible]

Anexo B. Consentimento informado



CATOLICA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS
BRAGA

Consentimento Informado

No âmbito do Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde, na Universidade Católica Portuguesa – Centro Regional de Braga, venho apelar à sua participação, já que esta é fundamental, num estudo acerca da vinculação e invalidação parental nos traços de narcisismo em jovens adultos portugueses.

Título do projeto: O papel da Vinculação e das Experiências de (In)validação Parental nos Traços de Narcisismo em Jovens Adultos Portugueses.

Investigadora: Núria Alexandra Antunes Gomes Quintela, sob a orientação da Prof. Doutora Cláudia Castro Dias.

Objetivo do estudo: Explorar o papel dos estilos de vinculação e das experiências de invalidação e validação parental nos traços de narcisismo em jovens adultos portugueses. Deste modo, se tem entre 18 e 30 anos, possui nacionalidade portuguesa e se teve presentes, ao longo da sua infância, uma figura paterna e uma figura materna, apelamos à sua participação, sendo esta fundamental.

Para proceder à recolha de dados o questionário é composto por: um questionário sociodemográfico; a Escala de Vinculação do Adulto (EVA, Canavarro, 1997; Canavarro et al., 2006); o Questionário de Experiências de (In)Validação Emocional (QEVE; Dinis & Pinto Gouveia, 2011); o Inventário de Personalidade Narcísica –13 (NPI-13, Pechorro et al., 2017) e a Escala de Narcisismo Hipersensível (HSNS, Pereira & Paixão, 2019).

A duração da administração dos questionários está sujeita ao tempo que o participante levar a concluir todo o procedimento, não devendo demorar mais de 10 minutos. Assim sendo, a participação é voluntária, podendo desistir a qualquer momento, sem qualquer prejuízo. Mais saliento que todas as informações serão tratadas de forma confidencial e apenas para efeitos de investigação.

As suas respostas são valiosas e contribuirão significativamente para o sucesso deste estudo. Agradecemos, desde já, a sua disponibilidade e colaboração.

Não existem riscos diretos associados à participação. No entanto, algumas questões poderão suscitar desconforto ou ativação emocional. Se, de alguma forma, sentir algum tipo de

ativação emocional ao preencher o questionário, poderá enviar um e-mail para os investigadores do estudo, sendo-lhe assegurada resposta por parte da equipa de investigação, de modo a salvaguardar o seu bem-estar.

Endereço dos e-mails: s-naquintela@ucp.pt e cladias@ucp.pt.

Declaro que li e compreendi o documento e todas as informações fornecidas pela investigadora. Mais saliento que todo o processo me foi bem explicado e todas as questões foram respondidas. Deste modo permito a recolha de dados para fins da investigação, de forma voluntária, sendo que estes serão guardados de forma confidencial e anónima, não sendo recolhidos dados sobre a minha identificação.

Assinatura do participante _____ Data __/__/__

Anexo C. Questionário Sociodemográfico

Questionário Sociodemográfico

1. Idade (responda numericamente)

2. Sexo

Feminino

☐

Masculino

☐

Outro

☐

3. Estado Civil

Solteiro

☐

Casado

☐

Unido de facto

☐

Divorciado

☐

Viúvo

☐

4. Nacionalidade

5. Encontra-se atualmente num
relacionamento?

Sim

☐

Não

☐

6. Habilitações académicas (assinale o
grau concluído com sucesso)

1º ciclo do ensino básico

2º ciclo do ensino básico

☐

3º ciclo do ensino básico

☐

Ensino Secundário (12ºano)

☐

Curso Técnico Superior Profissional

☐

Licenciatura

☐

Mestrado

☐

Doutoramento

☐

7. Situação profissional atual

Ativo/a - Estudante, trabalhador ou
trabalhador/estudante

☐

Inativo/a – Desempregado

☐

8. Possui algum diagnóstico psiquiátrico?

Sim

☐

Não

☐

9. Se respondeu **sim** na pergunta anterior,
qual foi o diagnóstico?
